

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO XI - Nº 17
PIRACICABA - 2019

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano XI – nº. 17
Piracicaba – Maio de 2019

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: joonassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Fusatto

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Evaldo Vicente

Ivana Maria França de Negri

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Ivana Maria França de Negri

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:

Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974

audaxia.adx@gmail.com

*Os textos apresentados espontaneamente para esta edição
são de exclusiva responsabilidade de seus autores.*

ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Sinfonia / Luar de Setembro (Pantum)</i> ..	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Antíteses / Buscando Pasárgada / Cataratas do Iguaçu / Descalabro moral / Nessa Tapera / Pequena Musa</i>	9
Aracy Duarte Ferrari – <i>À procura de eles? / Desequilíbrio / Chapeleira</i>	17
Barjas Negri – <i>Teatro Municipal Dr. Losso Netto: moderno aos 40 anos</i>	23
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Viver Reverbera</i>	27
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>O Brasil que queremos / Feminicídio antropológico</i>	31
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>O Diabo existe? / Unidade</i>	33
Edson Rontani Júnior – <i>Banalização fotográfica</i>	35
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>No meio do caminho</i>	39
Esio Antonio Pezzato – <i>O desespero de Judas / A Ressurreição / Frente a frente / Relato de Pedro</i>	41
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo a lenda das musas / Esclarecendo algumas dúvidas / Conhecendo a lenda das sereias / Conhecendo a lenda de Netuno / Conhecendo a lenda das Ninfas / Conhecendo os desdentados / Conhecendo o pelo dos mamíferos</i>	51

Ivana Maria França de Negri – <i>Museu Nacional reduzido a pó / Monumento Verde</i>	59
Leda Coletti – <i>Conhecendo um pouco o Vale do Café / Mãe Negra</i>	63
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – <i>Paisagem / Viveiro Divino em época da primavera</i>	69
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Que pelo menos “reconheçam”</i>	73
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Amar – verbo da felicidade / Só pra variar.. / Vou-me embora para Marte</i> ...	75
Raquel Araujo Delvaje – <i>Cantares da Travessia</i>	81
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Cantarvento / Cores que rondam outra luz / Aromas e Sabores de Infância / Galo-filho</i>	85
Valdiza Maria Capranico – <i>Ponto Azul</i>	89
Vitor Pires Vencovsky – <i>O terceiro livro</i>	91
Walter Naime – <i>Mais água no feijão. Mais feijão na água / O ato democrático pode ser uma farsa? / “Piracicaba na banguela aos 251 anos”/ “Viver Sem Vergonha”</i>	93
APL em ação – Noticiário	101

APRESENTAÇÃO

A revista da Academia Piracicaba de Letras completou 10 anos em 2018. É uma publicação consolidada, que já entrou para a história literária piracicabana. Graças à contribuição dos acadêmicos, foi possível apresentar aos leitores 458 artigos envolvendo diversos gêneros literários.

Nesse período, foram impressas 16 edições, totalizando 2.048 páginas. Na quarta edição, publicada em 2011, a revista começou a divulgar, nas últimas páginas, as realizações da academia e dos acadêmicos. O espaço, chamado de “APL em Ação”, passou a contribuir para o registro histórico dos acontecimentos na área literária em Piracicaba. No ano seguinte, em 2012, a sexta edição foi publicada com uma foto na quarta capa. A revista ganhou mais um espaço para divulgar a cidade através da arte da fotografia.

Em 2016, a décima terceira edição inovou novamente. Foi impressa utilizando um papel mais moderno e agradável para o manuseio e a leitura. Em 2018, as edições passaram a ser disponibilizadas na forma digital, utilizando o serviço conhecido como ISSUU (www.issuu.com/academiapiracicabana).

As mudanças na revista verificadas nos últimos 10 anos representam a preocupação das diretorias da Academia Piracicaba de Letras em inovar e oferecer a melhor opção aos acadêmicos e leitores. Boa leitura a todos!

Vitor Pires Vencovsky
PRESIDENTE 2018-2021

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Sinfonia

A chuva fina
afina
sua orquestra
no telhado,
que molhado,
transpira
a voz da lira
suavemente.
E na calha,
com voz falha,
não se cala,
e cala no silêncio
as suas notas
mo-nó-to-nas,
num compasso
pari passu
à melodia.

Luar de Setembro (Pantum)

No dia em que surgiste em minha vida,
rompia a Primavera... bem me lembro.
Sorrreste para mim, descontraída,
naquela noite quente de Setembro.

Rompia a Primavera! Bem me lembro!
Nascia a linda flor de nosso idílio!
Naquela noite quente de Setembro,
a lua nos banhava com seu brilho.

Nascia a linda flor de nosso idílio,
num êxtase de amor e de carinho!
A lua nos banhava com seu brilho,
querendo iluminar o meu caminho.

Num êxtase de amor e de carinho,
Pedi que fosses minha namorada.
Querendo iluminar o meu caminho,
pedi que fosses luz da nossa estrada.

Pedi que fosses minha namorada,
que fosses minha eterna companheira.
Pedi que fosses luz da nossa estrada,
pedi que fosses minha, a vida inteira!

Que fosses minha eterna companheira,
pedi naquela noite inesquecida!
Pedi que fosses minha a vida inteira,
no dia em que surgiste em minha vida!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Antíteses

Viver é:

Competir, ganhar e perder
Sorrir e chorar, sonhar e amar

Competir !

É entrar numa disputa,
com desejo de ganhar.

Mas é bom ter sempre em mente,
importante também, é o participar.

Ganhar !

O que nos impele para frente,
é a força, a decisão,
fixada em nossa mente.

Confia em ti e traça a trajetória,
que o levará ao cume das vitórias..

Perder !

Nem sempre o mais veloz a meta alcança,
o mais forte, mais longe o dardo lança.

Passará a vida lamuriando,
quem em si não confiar.

Devemos sempre ter em mente:
eu posso, também sou capaz.

Sorrir !

Sonhar, amar e chorar,
são fases da vida, que todos vamos passar.

É fraco aquele que se imagina;

Olhai sempre para o Alto, pois a Ele tu destinas.

Viver sorrindo e confiando,
é assim que devemos afrontar.

Chorar !

Desejar, amar e perder,
quem perde sofre demais.

Estará sempre chorando,
quem se julga incapaz.

Tua derrota estará decidida,
quando achares que tua batalha está perdida.

Sonhar !

É belo, é demais,
mas sempre é bom recordar,
que também é preciso ousar:
Pensa grande e seus feitos crescerão,
pensa pequeno, e irás depressa ao chão.

Amar !

Viver, sorrir e acreditar,
eis a vida que devemos levar.

Se o sorriso transmite alegria,
o amor, energia salutar.

A crença, é o porto esperança,
que o Mestre sempre nos dá!...

Buscando Pasárgada

Por

este mundo protervo,
mal legislado,
recheado de misérias, falcatruas,
vilipêndios
e,
indébitas apropriações.

Sou,
dentre muitos,
obstinado caminheiro;
a
caminhar
por caminhos sem
trilhas.

Quero deixar
pegadas visíveis
e
seguras,
para
que outros
me possam seguir;
com
responsabilidade
e,
nobreza
de
caráter!...

Princípios que
faltam
para muitos políticos
e,
alguns
magistrados...

Cataratas do Iguçu

Coreografia de pássaros num azul cerúleo,
não longe, melodia inconfundível das cataratas.
Famintos quatis, revirando entulhos,
barulhentos turistas caminhando pela mata.

As cataratas formam um balé aquático,
maravilhoso, indescritível e deslumbrante.
Passeio de barco sob a queda é fantástico,
muita adrenalina, banho forçado e refrescante.

Passeio de trezinho pela mata,
harmonia da natureza, energia a esvaír.
Madeiras de lei com placas identificadas,
muitas árvores frutíferas, que chega a confundir.

Sabiá em seu ninho, divide mesmo galho,
exemplo de harmonia, que só vi aqui!
Com casal de João-de-Barro,
sua casa com apuro a construir.

Ao entardecer, pia na mata o jaó,
da tipuana, arrulha triste a juriti.
Nostalgia do tico-tico, num arbusto de cipó,
é na paineira florida, um bailado de colibris.

Descalabro moral

Num momento tão conturbado pelos escárnios provocados por políticos, empresários e demais oportunistas gananciosos, desonestos, corruptos e ou corrompidos; quase todos citados em diversas operações, tendo como alavanca a LAVA JATO, onde um cidadão que nos presidiu, se julgando o mais puro e honesto de todos os mortais; pois nunca viu, nada sabe e desconhecia os conluios extra-corredores desta súcia, onde o dinheiro da PETROBRAS e do povo nas obras públicas, foi surrupiado escandalosamente por meios ignóbeis, e tão bem relatados nas famosas delações premiadas: desvios estes com apoio e interesse de alguns partidos políticos. Diante de tanto descalabro, vem-me à memória, a fábula de JEAN de LA FONTAINE (sec. XVIII); *Le Songe de MONOMOTAPA* (O sonho de Monomotapa). “Nesse país de nome estranho e até difícil de pronunciar, dois amigos vivem em tanta harmonia e distribuição quantitativa, que um não possui nada que não pertença ao outro também”.

Uma filosofia bem diferente da maioria de nossos políticos, de alguns partidos, vários empresários e certos escritórios prestadores de serviço, cujo lema é: “O que um possui, pode perfeitamente ser subtraído por outrem”.

Devemos, dar graças aos Planos Maiores, por ainda podermos confiar na idoneidade da Polícia Federal e na integridade de uma parcela significativa de Magistrados.

Neste turbilhão mental, rebusquei entre meus alfarábios, uma publicação que fiz na imprensa local, dezembro de 1980, a qual reescrevo concisamente logo abaixo: é uma antítese aos procedimentos dessa matula, cujos indivíduos vem a público, preocupados com a reputação e não com o caráter (“reputação é o revestimento que a socieda-

de dá ao indivíduo ou seja é o que pensam o que ele é, enquanto que caráter é a essência da pessoa é o que realmente ela é." John Wooden).

No mundo dos meus sonhos

Nossos pensamentos purificam, e se enchem de fraternidade com a aproximação do aniversário d' Aquele que pregou o verdadeiro Amor, a Fé, Confiança, Humildade, Compreensão, o Perdão, a Honestidade, enfim todos os princípios básicos que norteiam os bons hábitos, gerando estímulos que nos orientam para a prática de atos dignos e nobres, diferenciando o homem: de "pedra bruta para pedra lapidada"...

O sentimento de família, de fraternidade e confraternização universal, faz com que olhemos para os nossos semelhantes e os vejamos como realmente são, não importando com raça, credo, sexo e condição física ou social. São todos dignos do maior respeito e consideração, e sentimos o desejo de estender-lhes as mãos, uni-los à nossa comunidade pois, todos por princípio, merecem tratamento igual.

É a partir do momento em que cada um se conscientiza de seu verdadeiro papel como homem e da responsabilidade de operário do Grande Arquiteto do Universo, que a Paz e o bem estar da humanidade se concretizam, gerando eflúvios benéficos para o equilíbrio ecológico, social e moral.

Nessa Tapera

Na encruzilhada, da estrada boiadeira,
há muito abandonadas:
Uma tapera e uma paineira,
visitada por abelhas, nas belíssimas floradas,

“Recuado nos tempos da minha infância”,
já muitos anos transcorridos.

Ali morava Ditinho da nhá Constância,
menino alegre, educado e franzino.

Absorto, olhos fechados para melhor recordar:
Outrora ali, também parada de tropeiros.
Ainda ouço: galinhada no terreiro cacarejar
e, o briguento galo índio, cantando no poleiro.

Tropelia da molecada pelo mato,
ninhos com ovos a procurar.
Nhá Constância mãe de Dito preto,
gostosos bolinhos a preparar,

A batida da colher de pau na gamela,
Nhá Constância a cantarolar:
“Bolinhos de chuva, fritos na panela,
criança sempre deliciar”.

O rangido da velha porteira,
latido fraco, não mais chegando a intimidar;
do velho perdigueiro na coleira,
algum intruso, a adentrar.

Bons tempos amigo Ditinho!
Moleque ativo e bom de bola.
Quantas arapucas e caçadas de passarinhos?...
Em tudo dedicado, inclusive na escola.

Certa noite, tempestade com raios,
um caiu em seu quartinho.
Ditinho preto e seu irmãozinho;
Deus levou pra nunca, nunca mais!...

Pequena Musa

Chamado no portão, comento: é ela!...
Minha musa, nosso amor.
Tão suave, qual brisa passageira,
nossa neta, nossa flor.

Qual rosa tímida devido orvalho,
Estela linda flor, alma serena.
Dentre outras, florindo os galhos,
nossa neta, meu poema.

Curtir netos é gostoso, é vida,
Arrimo nas caminhadas,
das velhices combalidas.

Nosso jardim da existência,
Estela é flor, é luz relumbrada,
é arrebol d'uma manhã que se inicia.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI

Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

À procura de elos?

Algum suspense, um pouco de expectativa, talvez sejam, em alto grau, os ingredientes estimuladores e provocadores, que uma menina-moça precisa para iniciar seu romance. Porém, para aquela garota em particular, era preciso uma coisa a mais, colocada bem no topo da lista, em grau de importância: os elos de ligação!...

Sem entender ainda muito desse assunto, ela perguntou:

– Mãe, traduza isso para mim. Como compreender esses elos, se pouco entendo da vida amorosa de sentimentos e de sexo?!

Perplexa, parou, enquanto observava os olhos maternos arregalados, cravados numa expressão de espantos mil! Atenta, a mãe conseguiu responder tartamudeando as palavras:

– Elos são ligações, aproximações que surgem, fé forma natural, entre pessoas que frequentam o mesmo ambiente e têm alguma afinidade em comum.

– Mãe, não precisa terminar!

Neste momento, a menina, demonstrando uma sabedoria que não tinha e um enfado devastador, ficou calada e pensativa e fingiu estar observando alguma coisa pela fresta da janela. Aproveitando o silêncio das duas, o vento forte zunia, derrubando as folhas das árvores e espantando os pássaros, que para fugir de seu assédio, voavam para longe, à procura de um lugar seguro...

Após algum tempo, sem alternativa, porque nem mesmo deixara que a mãe explicasse claramente, quais seriam os elos necessários para se levar em frente uma relação, se afastou da janela, e sem olhar para trás, saiu e desapareceu no silêncio noturno, talvez traçando um plano para procurar seu amor.

Foi assim que, nesta noite quente de verão, sem o vento impertinente para atrapalhar, com a presença das cintilantes estrelas, inclusive das três marias, ela começou a procurar por ele.

O encontro amoroso se iniciou no entardecer do outro dia, quando os raios do sol, ainda fortes, se misturavam com as nuvens que passavam, ziguezagueando e ornamentando o espaço. Não pensava, de maneira nenhuma, em ferir os princípios arraigados de sua mãe, pois ela havia mandado os tais elos para o espaço, de preferência para bem longe dela!

Desequilíbrio

Nos deslizos agitados do tempo
nem percebo as pessoas que me cercam.
As ocorrências dos fenômenos naturais
a distância, sou levada num campo.

Mas, nesse jogo de contrastes
há aglomeração em busca do nada
sentindo complexidade e contradição
meu pensamento redobro em partes

Impera vontade, defesa e brio
Minha inquietação procura caminhos
para milhares de seres sem história
no país com perplexidade e desequilíbrio.

Chapeleira

Fazia já alguns anos que aquela menina deixara para trás o casarão de seus avós, com quem conviveu por décadas. Hoje uma senhora, esbelta, a neta procura uma peça rara e muito valiosa para ela... Onde estaria a chapeleira? Ela costumava ficar próxima ao lado direito da porta de entrada da sala de visitas, um ambiente aconchegante, toda ornamentada com clássicos sofás, graciosas peças de imbuia vindas da floresta tropical, com torneados bem definidos, penduradores metálicos, aparadores, espelhos de cristal, tapetes persas, telas de pintores consagrados, portarretratos, lustres e candelabros, que à noite, com as luzes acesas, faziam brilhar tanto os cristais dos objetos, que eles pareciam, antes, vaga-lumes a iluminar seus pensamentos.

Como vinha claramente em sua lembrança a figura formosa e carismática da avó, dona de casa exemplar e dinâmica, que com sua gestualidade própria, preservava o respeito mútuo. Como conseguia lembrar dos serões que aconteciam na sala de jantar e que versavam sobre temas como comércio interno e externo, movimentos sociais, políticos e religiosos ou a educação dos filhos e das gerações futuras. Privativa para os adultos, nessas ocasiões especiais, os serões da sala de jantar tinham a pauta liderada pelo seu avô que, como decano da família, era quem ostentava, com classe, o olhar sisudo e autoritário, que buscava colocar na linha algumas poucas crianças acompanhadas de seus pais, que permaneciam sentadas, quietas, enquanto ele as extasiava com seus contos, que desmascaravam as manobras políticas engendradas pelos candidatos, para conseguirem popularidade visando alcançarem altos cargos eletivos, mais as ocorrências diárias, expectativas de vida, e devaneios, conflitos, e muito segredos, que ao se-

rem declarados, provocavam cochichos e controlados sorrisos na criançada.

Emocionada, relembrava com detalhes, todo monólogo mantido com sua amiga chapeleira, que ali estava, a sua espera, para ouvir, palavra por palavra, tudo o que ela tinha para dizer. Dessa aproximação diária, desenvolveu outra atividade interessante: com critério começou a observar todas as noites, o modelo, o estilo e a marca, dos chapéus, guarda-chuvas, sombrinhas, bolsas e bengalas que se encontravam no móvel, para em pouco tempo, conseguir calcular, com precisão matemática, quem eram os donos de tais objetos.

Depois de identificar objetos e relacioná-los às pessoas, silenciosamente, aproximava-se da sala de jantar, para conferir sua hipótese e aproveitar o ensejo para localizar crianças de idade iguais a sua.

Muitas vezes, a aventura era interrompida pelo olhar impositivo do avô, que parecia dizer:

– Menina, vá embora... Aqui não é seu lugar!

Cabisbaixa, pensamento ultrapassando fronteiras bem além do horizonte, passava frente ao móvel para que a chapeleira soubesse pelo dissabor que tinha passado. A seguir, corria para seu quarto, e em seu diário, registrava a data da visita, os nomes das pessoas e as características dos objetos, em especial dos chapéus.

Tarefa árdua, persistente que ela desempenhava com elevada porcentagem de acerto. Por exemplo: o chapéu clássico, negro de aba larga de feltro, debruado em cetim, era de fulano, já o chapéu de aba curta tradicional, de napa marrom, com uma fita de cor semelhante, era de sicrano.

Depois era a vez de saber a quem pertenciam as sombrinhas de coloridos primaveris, seguindo-se as bolsas de couro enfeitadas com pedrarias. Por exemplo: a bolsa ti-

racolo era da mãe dos três lindos meninos. Uns gatos! Os nomes deles estavam grafados, logicamente, num lugar especial em seu diário.

Essa rotina desafiadora, que praticava em casa, passou a ser corriqueiramente experimentada na rua, quando ia para a escola, ou estava passando por qualquer outro lugar. Para ela, observar e identificar quem eram os donos dos respectivos chapéus, tornou-se um hobby fascinante, principalmente, se os envolvidos fossem autoridades locais.

Numa tarde de verão, após o término das aulas, voltou para casa agitada e ansiosa para relatar para a chapeleira, sua confidente, que tinha sido chamada na Diretoria, por causa das traquinagens, que ela e alguns amigos aprontaram.

Que susto levou! Ao fixar o espelho reconheceu o chapéu que ali estava. Sabia que o Diretor da escola estava na casa conversando com seus pais e seus avós, mesmo assim, como nunca tinha sido convidada para participar das reuniões que aconteciam na sala de jantar, fez de conta que o assunto era entre eles e não tinha, portanto, nada a ver com isso. Deu de ombros, e quando passou em frente de sua amiga chapeleira disse baixinho:

– Até mais! Voltarei quando o chapéu, desse aí – apontou com o dedo – estiver bem longe daqui!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICO BARJAS NEGRI

Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

**Teatro Municipal Dr. Losso Netto:
moderno aos 40 anos**

Em 19 de agosto de 1978, era inaugurado o Teatro Municipal, após 10 anos de paralisação em suas obras. No mês do seu aniversário, a cidade ganhava aquele que seria considerado um dos melhores teatros do interior paulista. À época, o prefeito era João Hermann Neto e o secretário de Ação Cultural, prof. Alceu Marozzi Righeto. Em abril 1º de abril de 1985, na gestão do prefeito Adilson Maluf, após articulação com a Câmara Municipal de Vereadores, o espaço recebeu a denominação de “Dr. Losso Netto”, em homenagem ao jornalista Fortunato Losso Netto, cidadão de importante atuação em diferentes áreas, particularmente na cultura.

Durante 35 anos, a população de Piracicaba e região foi beneficiada com expressivas apresentações de teatro, música, dança, exposições do Salão de Humor e de diferentes artistas plásticos ali recebidas. O Losso também serviu de palco para o debate político e ações empresariais de relevância em palestras e congressos. Por ele passaram espetáculos de grupos locais e amadores, até consagrados artistas do eixo Rio/São Paulo, antes privilégio apenas das capitais e algumas grandes cidades.

Em 2012, a cidade ganhava mais um espaço para as artes cênicas no Engenho Central, complementando a agenda já concorrida no Losso Netto. O novo teatro Erotí-

des de Campos, aproveitando um prédio histórico e tombado, recebeu estrutura moderna e de alta tecnologia, o que possibilitou a vinda de outros espetáculos. Ao mesmo tempo, o velho Losso apresentava problemas estruturais que, depois de 35 anos de intensas atividades, exigiam correção. Com o Erotídes em plena atividade, a nova administração municipal decidiu, em março de 2013, interromper suas atividades e elaborar um projeto de reforma, adaptação e modernização.

Lamentavelmente, esse processo não teve planejamento adequado tanto do ponto de vista estrutural, quanto orçamentário, razão pela qual ficou fechado de março de 2013 a dezembro de 2016, apesar ter passado por algumas pequenas obras no período. Por sorte, o teatro do Engenho deu conta do recado e Piracicaba continuou sendo atendida satisfatoriamente.

Ao tomar posse, mais uma vez, no cargo de Prefeito, incomodado com o fechamento daquele templo de cultura, realizamos diversas reuniões com a secretária de Ação Cultural e Turismo Rosângela Camolese, o secretário de Finanças José Admir Moraes Leite e o secretário de Obras, Arthur Ribeiro. Nestes encontros foi gerado um planejamento para retomada das obras necessárias para que o Losso voltasse a funcionar no segundo semestre de 2018, quando completaria 40 anos. E assim foi feito.

Em 19 de agosto de 2018, ao completar 40 anos de inauguração, um dos nossos patrimônios arquitetônicos e culturais mais significativos é devolvido à comunidade com toda infraestrutura de segurança exigida pelo Corpo de Bombeiros, além de outras inovações. Pode-se dizer que temos um novo e moderno teatro com o número de assentos ampliado para 703 a partir da criação de 02 camarotes com 14 lugares cada e fosso operístico. Foram instaladas

luzes de emergência, equipamentos de combate a incêndio e troca do carpete por antichamas; rampas de acesso e sanitários adaptados para pessoas com deficiência e ostomizados, além de melhorias na cozinha, na iluminação do hall de entrada com spots e luz de LED e instalação de elevador que liga o hall à Sala 1.

Mesmo com dificuldades, quase tudo ficou pronto, faltando somente alguns ajustes que serão cumpridos ao longo do semestre. São pequenos reparos e detalhes que não interferirão na retomada das apresentações e exposições da casa. A partir de agora, voltamos a ter dois teatros públicos de qualidade em funcionamento, atendendo vários segmentos e às exigências da classe artística e da sociedade. A exposição Pira Cartum marcou sua reabertura, ao lado de outra exposição: de Capas do Jornal de Piracicaba retratando quatro décadas da história cultural piracicabana.

Por fim, vale destacar que desde 2005 a Prefeitura, através da atual SemacTur, vem consolidando uma legítima, autêntica e democrática frente cultural que acolhe e mobiliza artistas da cidade e região, executando a verdadeira política cultural sem discriminação, agregando os envolvidos em artes cênicas, música de todos os estilos, artes visuais e áudio visuais, dança, literatura, folclore e demais tradições populares, que ao longo de mais de uma década envolveu milhares de artistas e espectadores. Só em 2017, mais de 700 mil pessoas tiveram oportunidade de participar de eventos culturais gratuitos em espaços públicos. Foi assim na Pinacoteca, no Largo dos Pescadores, na Casa do Povoador, no Museu Prudente de Moraes, no Engenho Central, no Parque da Rua do Porto, na Biblioteca Municipal, no Teatro Erotídes de Campos, nos Centros Culturais Regionais, na vasta programação da Movimentação Cultural e nos diversos Festivais. Foram ações plurais que não

envolveram apenas uma minoria autoritária e discriminatória. Mesmo assim, os espaços culturais estiveram abertos para eles e assim continuarão, ainda mais agora.

Parabéns a todos que permitiram chegar aos 40 anos do Teatro Municipal Dr. Losso Netto, com atividades de qualidade. Destaque especial para a secretária Rô Camolese, à diretora do Teatro, Heloísa Guerrini e uma grande equipe de funcionários e ao novo secretário de Obras, Vladimir Schiavuzzo. Eles não mediram esforços para que as obras necessárias à sua reabertura fossem concluídas. Que esta casa de espetáculos continue tendo o mesmo sucesso dos últimos 40 anos!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA

CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Viver Reverbera

Gosto de ir ao cinema. No cinema tem eco, mas, apesar dos pesares, gosto de ir ao cinema. E os pesares são tantos... Pra começar, o preço é salgado. Dizem que a culpa é dos milhares de falsos estudantes com falsas carteirinhas que lhes dão o direito de pagar meia. Dizem que os donos de cinema precisam descontar o prejuízo aumentando o preço do ingresso. Dizem que pega mal só eu não falsificar, pois essa mania de ética é uma forma de arrogância.

Pra continuar, a pipoca também é salgada pra burro, porque só mesmo um burro botaria tanto sal na própria pipoca, a ponto de formar uma nuvem salina quando os adolescentes desistem do filme e partem pra guerra, atirando pipoca. No cinema tem eco e os gritos de guerra ecoam no filme, estragando momentos de tédio sublime. É que o tédio faz parte da vida e da história, mas tem gente sem calma, que grita e reclama: “Vê se morre depressa! Que filme mais lerdo!”

No cinema tem eco que ecoa sozinho. A sala já sabe: depois de alguns gritos, ecoam os “Xiu!” Quando o filme começa, ecoam os “Tchii!” de latinhas se abrindo. Aposto que a sala está condicionada. Se um dia a plateia ficasse em silêncio, ouviria os ruídos dos filmes já vistos.

Em toda plateia, tem gente que pensa que é o eco em pessoa e sempre repete a última fala que achou divertida.

Depois não entende as falas seguintes e pergunta insistente: "Que foi que ele disse?"

Em toda plateia, tem pais insensatos que levam crianças a filmes de adultos e, quando seus filhos se assustam e choram, exigem silêncio de forma violenta. Assim, no cinema, ecoam mil traumas e medos no escuro.

Mas gosto, já disse, de ir ao cinema e ouvir a plateia com seus comentários. Fui ver "Cisne Negro". Sentei-me bem perto de um jovem casal. A moça devia chamar-se Patrícia e ser bailarina. O seu namorado, um pedaço de anta, mas anta malhada de academia, gargalhou em cada momento dramático, ou seja, no filme todo e saiu elogiando: "Não sabia que balé era tão engraçado! Tomara que tenha continuação!" Continuação do "Cisne Negro"? Meio difícil, não?

Adoro ver filme em outras cidades. No Nordeste, as plateias são mais emotivas e se divertem abertamente. Em Recife, num *trailer* de filme infantil, apareceu um panda desafiando o público a olhá-lo nos olhos, sem piscar. Olhei ao redor e vi muita gente topando o desafio. Longos segundos depois, como o panda continuava encarando firme, um adulto gritou: "Pisque, urso filho duma égua!" Foi gargalhada geral.

Nos *shoppings* de Brasília, predominam espectadores contidos, sempre dispostos a dar mostras de sofisticação e intelectualidade. Durante "O Lobisomem", ouvi cochichos esclarecedores sobre a licantropia na história da psiquiatria.

Os comentários mais interessantes, em qualquer lugar, vêm das crianças. Durante o *trailer* do filme "O Contador de Histórias", baseado na vida do educador Roberto Carlos Ramos, os meninos vibravam ao ver aquele garotinho negro assaltar um banco junto com a mãe e os irmãos.

As discussões começaram antes do fim do *trailer*: “Cara, se a sua mãe fosse assaltar um banco, você ia junto?” Dois garantiram que iam. “Mas e a polícia?” perguntou um terceiro. “Que nada! Minha mãe é esperta. E, no fim, o Roberto Carlos se dá bem, ele vira cantor.” Confundindo o educador com o cantor, o menino concluiu: “Eu não sabia que o Roberto Carlos também tinha nascido preto, que nem o Michael Jackson.”

No cinema tem eco. A vida de fora ecoa lá dentro. Não adiantam carpetes abafando os sons. Viver reverbera. Onde há gente, há murmúrios e linhas cruzadas. Não adiantam avisos, celulares ecoam ou vibram ansiosos. Vivemos o aqui, pensando em lá longe. Esse filme eu já vi.

Colaboração da Acadêmica Carmen Maria da Silva
Fernandez Pilotto
Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

O Brasil que queremos...

Agosto 2018, quarta-feira, 17:15, na Estação da Paulista, um dos lugares mais inspiradores de Piracicaba começo minha caminhada vespertina. Ao passar pelas salas de aula, todas tomadas por crianças e jovens do Projeto Guri. Um movimento efervescente em cada ambiente: percussão, cordas, vozes. As risadas ressoam nos ambientes livres, lá dentro se esqueceram das redes sociais, da violência, do ano político e tantos outros assuntos que somente conturbam nossos sonhos mais íntimos.

Caminho um pouco mais e na frente da plataforma de embarque e desembarque do Prédio da Estação um outro grupo de jovens ensaia uma animada street dance, em movimentos coordenados que nos levam ao desejo de acompanhar o ritmo.

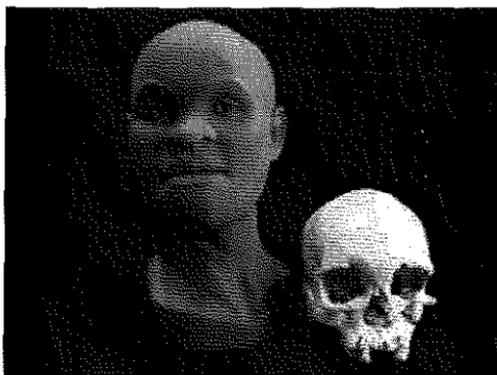
Penso que moramos em uma cidade privilegiada, ainda há espaços onde é valorizada a boa cultura, que traz uma amplitude maior de opções e de crescimento pessoal. Esses jovens certamente terão em seus corações muitos ideais e projetos de vida, porque a Arte enobrece o caráter, define posturas mais humanas e fortalece o espírito do jovem diante das dificuldades da rotina.

Os acordes do Sítio do Pica-Pau Amarelo seguem comigo renovando também minha esperança em um Brasil melhor. Os caminhos se iluminam diante de tantas agruras do cenário contemporâneo. Deus ajude o poder público a manter iniciativas que promovam o bem-estar social e enalteçam o melhor de cada cidadão.

Feminicídio antropológico

*“Todos que por aqui passem, protejam esta laje,
pois ela guarda um documento que revela a cultura de
uma geração e um marco na história de um povo que
soube construir seu próprio futuro.”*

Após o incêndio que destruiu o Museu Nacional neste domingo (02-09-18), a frase inscrita em lápide na entrada do local soa como um grito de socorro. – Publicação no site de notícias Terra



Luzia, o mais antigo fóssil das Américas
Esvaiu-se sobre chamas do descaso público
Junto com todo o acervo de cultura de outros povos
Que retratavam nossas histórias valiosas

Mil desculpas Dom Pedro pelas múmias
E por tantos outros ícones de civilizações
Tratados sem relevância pelo incivilizado político
Que desconhece a real perda dos conceitos
Da História, da Ciência e da Humanidade

Brasil, triste resquício de um brilhante passado
De peculiar povo de brio impecável
Que jaz em escombros como a cinza do museu
Retratos de uma nação sem direção...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

O Diabo existe?

Na conversa fiada na barbearia, enquanto cortava o cabelo do Pastor, a certa altura, diz o representante de Deus ao barbeiro:

– O diabo existe, pois se não existisse, não existiriam tantas maldades, tanta corrupção, tantos crimes, guerras e desgraças.

Responde o barbeiro ao Pastor:

– O diabo não existe, pois se existisse, Deus não seria Onisciente, pois teria criado algo que saberia de antemão ser de extrema maldade, e não o teria feito. Não seria Onipresente, pois sendo presente em tudo, não poderia estar presente no próprio demo. Não seria onipotente, pois teria o poder de destruir o capeta em benefício de nós, e não o faz.

Portanto, ou Deus é o próprio demo, ou o demo é somente um aspecto de Deus, para que através do Mal possamos entender o Bem. E portanto, o capeta inexistente.

Assim, se não existisse o frio do inverno, não existiria o calor do verão. Se não existisse a escuridão, não perceberíamos a luz, e, aliás, frio e escuridão não existem, são somente a ausência do calor e a ausência da luz.

Portanto, o diabo não existe, pois se existisse, seria o próprio Deus.

Naquela noite, durante o culto, nenhum fiel caiu no chão se debatendo possuído pelo demo...

Unidade

Estava de férias à beira mar, e por ser fora de temporada, a praia estava deserta.

Eu pairava sozinho na morna água salgada, boiando com o olhar perdido na linha onde o céu azul se encontra com o verde do mar.

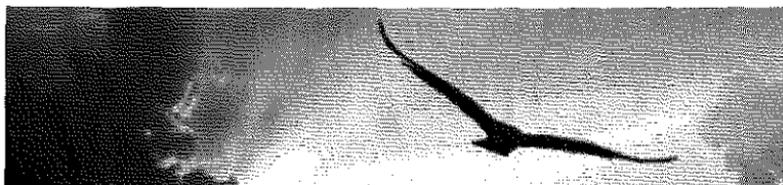
O balançar das ondas sem arrebentação, embalava suavemente meu corpo num lento e preguiçoso sobe e desce.

O sol forte dardejava um calor gostoso, logo resfriado pelas águas tépidas. Meus olhos se fixaram no nada, que continha o tudo.

Mar, sol, terra, eu... Senti ser meu sangue a própria água salgada na qual meu corpo boiava. O pulsar do meu coração se confundia com o bater repetitivo das ondas, que atrás de mim se quebravam na areia da praia. O calor do sol reportava-me aos dias de febre em criança e as ondas me lambendo, os beijos de minha mãe me consolando quando machucava o joelho nas correrias de pega-pega.

As brancas nuvens deslizando no céu azul, se tornaram meus pensamentos de paz, onde mais e mais mergulhei. De repente, uma pequena marola deslizou por sobre meu nariz e boca e senti o lambar amigo de meu primeiro cãozinho. Uma gaivota voava lá no alto e com seus olhos eu me vi deitado sobre o colchão verde de água que balançava suavemente meu corpo.

Eu era a gaivota, a brisa a soprar em mim mesmo e no mar eu era o balançado e o balançador e na unidade eu era o todo.



COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR
Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Banalização fotográfica

Recentemente, numa sala de espera, uma pessoa manuseava seu smartphone fotografando algumas cenas que por nossa frente ocorriam. Na piscina de um clube, duas jovens abusaram dos selfies, de forma frenética, como se a câmara fosse um brinquedo de outrora.

O mercado lançou smartphones de uma forma tão absurda que acabou criando o efeito da banalização fotográfica. Não que isso seja errado. Ter acesso aos avanços tecnológicos é uma situação inevitável e a popularização da fotografia nos remete à instantaneidade tão almejada pelo homem.

Desde que lançada, a fotografia exigia habilidade, conhecimento, dinheiro e utilização de máquinas grandes e pesadas. Vale lembrar dos lambe-lambes e das máquinas fotográficas tipo “caixão” com lente reflexiva.

A máquina fotográfica virou opção de “bolso” já nos anos 60, mas se popularizou nos anos 70 e 80 com as nostálgicas Instamatic da Kodak com flashes descartáveis que conseguiram iluminar quatro “poses”. Ainda nos anos 70, a instantaneidade veio com a máquina Polaroid. Fotografar e revelar na própria máquina era algo fantástico. Cabe lembrar que a fotografia antiga, ainda revelada em papel, demorava dias para que nos fosse entregue, uma vez que o negativo era levado à loja, passava por processos químicos, ampliado e depois devolvido. Até tempos atrás era possível assistir este processo das vitrines de uma loja do Shopping !

A fotografia, desde sua criação, lá pelo longínquo ano de 1826, sempre foi um artigo de luxo. Era acessível a poucos. Sua popularização no Brasil veio pela família real através de Dom Pedro II. Materiais para fotografar e revelar viajavam de navio, da Inglaterra ou da Alemanha. Foi Dom Pedro quem importou as primeiras máquinas e financiou a vinda de profissionais europeus como Marc Ferrez ou Louis Comte.

A princípio, a ideia de preservar aquele instante para o futuro era algo mágico. Houve até quem dissesse que a fotografia roubaria a alma do fotografado. Sim. Falou-se até que aquilo era bruxaria.

Antigamente, a foto era feita ao ar livre, para aproveitar a luz natural. Não era permitido mexer, pois qualquer movimento borraria o retratado. Daí a questão de parecermos sérios nos documentos de identificação. Não há lei que nos proíba de ter uma foto sorrindo no RG, o que existe é um tabu criado pelo “olha o passarinho e não se mexa!”.

Fato curioso são as “mães fantasmas”, encobertas por mantos escuros segurando filhos para não borrar a fotografia, já que eram necessários incansáveis segundos – ou até minutos – sem respirar.

Fotógrafos chegaram a ser coadjuvantes de luxo ao lado das debutantes e de jovens noivos. Os álbuns demoravam para serem ampliados e revelados, angustiando as famílias. Porém, um álbum sempre foi motivo para reunião familiar. Quanta gente não se reuniu ao redor de um deles para juntos ver as fotos, após a macarronada de domingo? Este, aliás, é outro hábito que caiu em desuso.

Piracicaba teve inúmeros profissionais que defenderam e defendem esta arte, entre os mais contemporâneos que já partiram Isolino Nascimento, Henrique Spavieri, Diógenes Banzatto, Lacorte, Cícero Correa dos Santos... Quantas lojas também nos ajudaram a manter a magia,

com suas revelações? Bischof, Budasom, Cantarelli, Iris Jetcolor, Outsubo...

Se pegarmos fotos do século 19, notamos que um dos principais adereços dos “retratos” estava um livro, símbolo da sabedoria, ícone de que o retratado era de uma casta privilegiada, pois o ensino ainda não era obrigatório no país, ou seja, acessível a uma pequena minoria. Hoje a máxima pregada no Facebook: “um dos primeiros astronautas ao pisar na Lua tirou com muito custo sete fotos; adolescente foi ao banheiro do shopping e diante do espelho ... tirou 47 fotos fazendo biquinho!”. Não há bastão de selfie que nos salve!



Acima, exemplo de “mãe fantasma” : a mãe sentada, encoberta por tecidos que simulavam um móvel, segurando seu bebê.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA
SILVEIRA**

Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

No meio do caminho...

As vidas vão seguindo em frente sem nenhum traçado, mas com muitas expectativas. Pais procuram encaminhar seus filhos pelos caminhos que eles conhecem e talvez até escolhidos por eles, que indubitavelmente, no seu parecer seria o melhor. Muitos seguem pela vida encontrando pedras para se desvencilharem, outros pensam que a vida é um mar de rosas, aqueles outros não conseguem enxergar o quanto seu caminho é asfaltado, com sinalização, arvoredos e bons ares perfumados para aspirarem e chegarem ao bom termo da vida. Mas, encontram sempre uma árvore no seu caminho para se chocarem ou se desviarem da sua rota. Isso me faz lembrar uma história que ouvi contar pela minha mãe.

Um menino árabe passava por uma estrada e encontrou uma árvore no meio do caminho. Ele usou sua sombra para descansar e ao despertar percebeu que nela havia frutos saborosos nunca vistos por ele. Faminto, foi subindo nos galhos e apanhou muitos frutos até se saciar, guardando em um odre muitos deles, que se conservaram naquele local úmido e chegaram até o final da caminhada. Ao chegarem todos da família se admiraram com aqueles frutos desconhecidos para eles e foram comendo e então seus pais e irmãos gostaram tanto dos frutos que guardaram suas sementes pensando em plantá-las.

Com paciência e muita dedicação, conseguiram com o tempo formar um pomar, com um tipo de fruto incomum naquela região. Essa família por seus esforços se tornou próspera, usando técnicas de agricultura, plantando hectares de damasco, e melhorando financeiramente com a venda desses frutos. Nas gerações seguintes, começaram a industrializar as frutas, selecionando sementes, usando técnicas de colheita, estocagem, e técnicas de desidratação, fazer compotas, e secar os frutos, conseguindo vender seus produtos para todo o país e até para países estrangeiros.

Sua família se uniu cada vez mais e deixou a pobreza pela visão e esforço de todos. Portanto, esse menino achou uma árvore no meio do seu caminho e tirou o maior proveito dela. A vida é assim: se achar uma pedra também poderá usá-la para fazer o melhor uso dela, dependendo do seu interesse e otimismo. Ela poderá ser um calcário, um granito, um mármore numa pedreira ou uma pedra preciosa, dependendo do seu entusiasmo, força de vontade e visão de futuro. Nem sempre é um problema, mas sim uma solução.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ESIO ANTONIO PEZZATO

Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra

O desespero de Judas

O sol caía junto às barras do horizonte
E o pesadelo atroz pairava junto à frente
Do traidor contumaz, Judas Iscariote!
No esgar desencadeado o vento – igual chicote! –
Vociferava forte em remoinho imenso...
Longe, o corpo de Cristo ao madeiro suspenso,
Arquejava um gemido em horrído contraste:
“Eloí, Eloí, por que me abandonaste?...”
Relampejava o céu escombros de violência
E prenunciava em fúria a voz da Providência...
Com o olhar febricitante o Apóstolo fitava
Aquele que traíra... a multidão escrava
De poder contemplar na cruz mais uma morte
Exortava a sorrir tais momentos da sorte!

Judas fitava mudo os delírios insanos
De escribas, fariseus e soldados romanos.
Mas de repente o sol brilha por uma fenda
E ele presente o fim dessa visão horrenda.

Uma voz interior em seu cérebro vibra
E ele sente tremer no corpo, fibra a fibra,
Da agonia fatal que padece o Traído...
Nesta alucinação, percebe-se perdido,
E o inferno do terror penetra em sua mente...
Apavorado está... Sai correndo... demente

Nas pedras tropeçando e segurando a capa
Não consegue encontrar na própria mente o mapa
Para onde quer seguir... Aflito vocifera
E em seu rastro imagina ouvir o uivo da fera
Do desespero atroz que persegue su'alma.
Nada, nada o detém, nada no mundo o acalma,
E uma voz interior em mil ecos propaga
Como nefasta, fria, e supurada praga:
"Traidor! Traidor! Traidor!..." mil caminhos procura,
Mas não consegue achar lenitivo à loucura,
Que enrosca no seu corpo... Alucinado, aflito,
Corre a mais não poder... À distância o Infinito,
Negreja o céu de fumo e ele vai, desvairado,
Pelos campos sem fim como um desesperado.

- "Que foi que fiz? Senhor, tende de mim piedade;
Com a ganância maior do que a necessidade
Vilipendiei dos Céus o Teu Filho divino
E eis-me agora a traçar o meu negro destino...
Por certo Satanás penetrou em meu peito
E eu fraquejei, pois não devia tê-lo aceito;
Sou filho de Caim e perdão não mereço,
Mas se devo pagar agora qual o preço
E o que devo fazer? A loucura me invade.
Sou o próprio Pecado, a própria insanidade,
O Teu Filho trai e é horrível o meu crime,
E nem o Teu perdão minha pena redime.
Uivam feras no chão onde meus passos piso,
Em reflexos o céu dá-me o mortal aviso
Que contra Ele pequei... O que fazer agora
Que percebo o meu crime e a culpa me devora?

Eu que tanto busquei seguir o Seu caminho
Como posso viver nesta angústia sozinho?

Aos Outros que direi quando vierem falar-me?
Sou covarde, Senhor! O inferno traz o alarme
Anunciando que estou de partida para ele.
Minh'alma é pura brasa, em cancros sinto a pele,
O cérebro fervilha e eu não tenho sossego...
Porém, para seguir às Geenas estou cego,

E o terror queima em mim, queima as minhas entranhas,
Sinto no coração os palpos das aranhas,
Nojentos escorpiões os meus pés aguilhoam,
E os gemidos de Cristo em meus ouvidos soam
E é minha própria voz, Senhor, que me condena.
Minha língua está grossa e já cheira à gangrena,
O pus cobre meu corpo e é horrível este cheiro.
Uma ave negra voa e o seu canto agoureiro
Parece me dizer com seu grasnar eterno:
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!
Tudo é negro, Senhor... Pessoas apressadas
Passam por mim agora em rudes gargalhadas
E dizem sem parar: que sirva como exemplo
Para Aquele que quis nos expulsar do Templo!
O Seu corpo na cruz vaza em pus e excrementos,
E das pernas escorre em pútridos tormentos
E eu não O ouvi, Senhor, fazer um só reclamo,
Da Sua dor pungente e agora em dores clamo
Mas perdão não mereço, eu sei que não mereço;
Para tal atitude existirá um preço?

Trinta moedas, Senhor, as minhas mãos seguram,
Tatuam a minh'alma e em minh'alma supuram...

Os lobos e os mastins perseguem os meus passos.
Condena-me, Senhor, caiam em mim espaços,
Teus Sidéreos sem fim que vagam no orbe imenso
... Estou fora de mim, e louco já não penso...

Profanei minha vida em tal crime hediondo
Por onde piso os pés, por onde os olhos sondo
O terror é cruel... No inferno alguém me espera.
Hei de viver na treva, entre grupos de fera,
No delírio da dor, neste insano remorso.
Impossível seguir... Sangram meus pés... O esforço
É em vão... a noite está dentro de mim, sou noite;
Não há lugar, bem sei, onde meu corpo acoite,
Dá-me a morte, Senhor, que este sofrer eterno,
Deve ser bem maior ao que terei no Inferno!

O corpo de meu Mestre ainda está pregado
E pende junto à Cruz... Parece estar alado
Pronto para alcançar a imensidão celeste...
Penso que vai voar, embora n'Ele infeste,
Laivos fundos da dor... O vento sopra agora
E seu rígido corpo atado à cruz é a Aurora
De um dia que ainda está para chegar... Mas quando?
Bem sei, não estarei por tal dia esperando...

Tenho sede, Senhor, a boca queima em brasa,
Não tenho onde seguir... Há muito estou sem casa,
Onde agora viver?..."

A Ganância e a Cobiça

– Irmãs gêmeas do mal! – farão sua Justiça!

E à árvore atando a corda em tenebroso trismo
Judas precipitou-se à escuridão do abismo...

A Ressurreição

(Para Fernando Masson, Bispo de Piracicaba)

Ardia a madrugada aos clarões dos archotes.
Numa árvore pendia o corpo de Iscariotes
Após ter-se enforcado em desespero imenso.
Nos faustosos salões respirava-se o incenso
E Pilatos sorria entre tantos convivas.
Fora havia o escarcéu das pessoas cativas
Mas ninguém importava a mínima com isso...
Roma a todos mostrava o firme compromisso
De conter multidões com seus punhos de ferro,
E Pilatos jamais incorreria no erro
De provocar a fúria em César ou em Roma.
Satisfeito, de Cós enche uma taça e toma
Com todos os demais, enquanto pelas salas
É forte o vozerio em diferentes falas.
O desordeiro agora era um fato passado,
Crucificado e morto estava já enterrado.

Não haveria mais de lhe causar engodos.
Desta forma mostrara energia com todos
Que tentassem ferir tanto as leis e os costumes.
O palácio fulgia em vigorosos lumes.

Dois soldados, porém, ficaram de pernoite
Com profundo desdém, durante toda a noite
À frente de um sepulcro onde um morto jazia.
– Coisa doida cuidar de quem já não podia
Falar ou se mover, mas a ordem de Pilatos
Devia ser cumprida em todos os seus atos!

Muitos, dentro do lar estavam recolhidos
Comentando entre si dos fatos ocorridos.
Do Rabino, porém, seus Onze seguidores,

Em delírios de fé falavam dos horrores
Terríveis e cruéis que o Mestre recebera.
Um suave fragor de fresca primavera
Perfumava o ambiente e aturdidos ainda,
Comentavam que toda a Esperança era finda.

Maria, Sua Mãe, soluçava baixinho
E em dores recordava um extremo carinho
Com o qual se despediu de Seu amado Filho.
Gordo luar filtrava as ramas entre brilho.

Parecia vibrar um silêncio por tudo.
A noite escancarava o dossel de veludo
E bordava no céu fachos de mil estrelas.
Contudo o Mestre já não podia mais vê-las.

Maria Madalena em silêncio murmura
Frases sem nexos em laivos de loucura;
Súbito de levanta e diz num sonho pulcro
Que vai se dirigir até o pétreo sepulcro
Para balsamizar o corpo de óleo santo.
Alguns tentam contê-la e com gestos de espanto
Eis que sai pela noite a alucinados passos,
Para ainda uma vez mais, ter Jesus em seus braços.

Pela noite caminha alucinadamente
Com seus passos febris e gestos de demente.
Com lentos passos chega e – olhar alucinado! –
Percebe que o sepulcro aberto foi violado.
Olha com mais vagar... Os soldados vigias,
Não mais faziam ronda... Entre as ramagens frias
Ouve-se o murmurar por entre as oliveiras
De palavras febris e vozes estrangeiras.

De repente uma luz de irradiação imensa
Preenche todo o local e uma voz feito crença

Calmamente pergunta à triste Madalena:
– “O que buscas aqui, mulher?” De amores plena
Para o vento ela diz num murmúrio de prece
Como quem, no delírio, o desespero tece:
– “Vim buscar o meu Mestre e curar-Lhe as feridas!”
Neste momento o céu, com cores incendidas
Fulge em denso farol e com timbre sereno
Ouve um anjo dizer do Mestre Nazareno:
– “Das trevas ressurgiu alcançando a vitória
E a morte Ele venceu!...”

Nesse instante de glória

Maria Madalena em seu amor cativo
Ouve a voz de Jesus ressuscitado e vivo!

15.05.2008

Frente a frente
(Para meu amigo Padre Galhardo)

A tarde vasquejava o seu tom agoureiro.
O corpo de Jesus pregado no madeiro
Mostrava o quão brutal Ele havia sofrido.
O vento uivava forte, o frio era sentido,
E eu em meu sonho negro olhava aquela cena:
Fixas, as suas mãos eram sangue e gangrena;
Vidrento, o seu olhar mostrava sofrimento.
E eu solitário ouvia o murmúrio do vento
Esbravejando fogo em chicotadas frias.
Mas onde estão Senhor, as tuas companhias?

Somente eu de tocaia, em meu cismar oculto
Ainda estou aqui vendo seu triste vulto.
Eu que pude lhe dar a chance mais suprema
De a todos se mostrar... Urdi o estrategema:
Vendi-O sim, não nego e o que fiz foi somente
Supremo ato de amor. Eu estava consciente,
Mas tu, Senhor Jesus, nada fizeste, nada.
No instante de terror Sua alma abandonada
Omitiu-se em silêncio e em silêncio ficaste.
E eu ouvi-O dizer: "Por que me abandonaste?"
Por que Teu Pai do céu aqui abandonou-O?
Se quisesses, Jesus, legiões de anjos em voo
Viriam te acudir, te salvar de Pilatos.
Mas escolheste enfim os mais horríveis atos:
Deixaste-te prender. Abandonado e mudo
Nada fizeste Tu que podias ter tudo.

Agora te contemplo ao madeiro pregado.
Estás morto. Estás só. Estás abandonado
Por quem jurava dar-te a sua própria vida.
Mas eu, Senhor Jesus, com a alma condoída
Eu te ofereço a minha. É uma troca bem justa.
Viver já não importa e a vida não me custa.

É negra a solidão. É negra e apavorante!
Virão atrás de mim. Eu já pressinto o instante
Que irão me colocar frente a frente aos meus atos.
Irá vilipendiar-me e urdirão desacatos,
Mas o que fiz Senhor Jesus – foi o correto.
Não agi por prazer. Foi um ato concreto.
Eu cria tanto em ti e mesmo sempre ausente
De tudo o que fizeste eu sempre fui um crente.

Pois é, Senhor Jesus, o fato é consumado.
E tudo o que ontem fiz está morto e acabado.
Falta agora, Senhor, que um'alma pura e boa
Se condoa de ti, da morte se condoa,

E tirem-te Senhor, deste horrendo madeiro.
Anoitece por fim. A noite e seu nevoeiro
Toldam minha visão. Eu estou de partida.
Não sei o que será da minha própria vida.

Com as sombras me cubro. Uso velho capote
E despeço-me aqui.

udas Ish-Kiriót.

22.12.2014

Relato de Pedro

Sob a difusa luz cinzenta do Ocidente
Que negrejou o dia em pálido poente,
Vejo o corpo de Cristo inanimado e morto.
Ele que foi a luz de um sol brilhante, porto
Da Esperança e da Fé, da pura Caridade,
Que ofertou a Beleza em laivos de verdade,
Que mostrou sua Força à luz de cada dia,
Que em silêncio mostrou sua Sabedoria!
Eis que Ele parte agora ao Oriente Eterno.
Seu olhar doce e bom, firme e sereno, terno
E tranquilo, se foi. Não mais sua palavra
Verdades nos dizendo e não mais sua lavra
Parábolas dizendo em ocultos segredos.
Há dentro de meu peito os mais terríveis medos!
Como posso sonhar se já não há mais sonho?
Por onde mexo o olhar, por onde os olhos ponho
As trevas em furor pintalgam o amplo espaço.
No chão – presos, os pés! Não posso dar um passo

Que o abismo à minha frente abre seus labirintos.
Venceu a treva a Luz! Os meus lábios retintos
De mordê-los com medo, impedem minha fala.
Carregam o Senhor para uma funda vala.

Como serão sem Ele agora os nossos dias?
As nossas ambições estão todas vazias!
A tarde traz a noite antecipada e negra.
Não há com sua morte uma lei, uma regra
Para a vida seguir o seu curso tranquilo.
Meu olhar olha a treva. Eu não posso segui-Lo.
À funérea mansão Ele agora é levado.
Seu corpo rijo e forte, ainda ensanguentado,
Não pode mais andar esses velhos caminhos.
Estamos nós sem Ele, estamos nós sozinhos.

Acompanho o cortejo, o lúgubre cortejo.
Não vejo mais o sol, a esperança não vejo,
Não vejo mais a luz, sua voz não escuto,
Embora vibre em fogo o seu verbo recruto.

A solidão qual brasa arde em minhas entranhas.
Sinto espasmos sem fim com convulsões estranhas.
Em total letargia em total abandono
E preciso dormir. O corpo pede sono.

Nos meus passos tropeço e minha alma se espanta,
Novamente na noite imensa um galo canta.
E o desespero vibra em todos os reveses
Pois na noite anterior neguei-O por três vezes.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Conhecendo a lenda das musas

As musas constituem um grande grupo de personagens da mitologia greco-romana. Eram filhas de Zeus e da deusa Mnemósine. Foram inicialmente consideradas divindades ou gênios protetores da Música e, posteriormente, das outras artes.

Nos dois poemas de Homero – *Ilíada* e *Odisséia*, aparecem como cantoras dos deuses, fazendo parte do séquito de Apolo, deus das Artes. Na época romana, lhes foram dadas atribuições específicas: Clío, protetora da história; Euterpe, da música; Tália, da comédia; Melpômene, da tragédia; Terpsícore, da dança e canto; Erato, da poesia amorosa; Polímenia, da oratória e poesia sacra; Urânia, da astronomia; e Calíope, da eloquência. Esta é a lista oficial, Contudo, existem outras versões, com novos nomes e outras artes.

O herói lendário e artístico Orfeu era, segundo dizem, filho da musa Calíope.

Da palavra musa deriva o termo museu, usado para designar o lugar destinado, antigamente, ao estudo das Ciências, letras e artes, atividades estas sob a proteção das musas.

Esclarecendo algumas dúvidas

a) O que é Olimpo?

Olimpo é nome de um maciço montanhoso da Grécia, com pico de 2.911 metros de altitude, situado na parte norte da Tessália, próximo ao mar Egeu. Os antigos gregos localizavam nessas montanhas a morada dos deuses.

b) Por que os pássaros voam em formação de V?

Porque a formação em V ajuda a economia de energia. Aqueles que vão na frente reduzem a resistência do ar, facilitando o voo para os outros. Quando os que estão na frente se cansam, eles são substituídos por outros menos cansados.

c) Por que a abelha morre depois de picar uma pessoa?

A abelha operária, encarregada da proteção da colméia, tem um ferrão provido de pequenas farpas, o que impede que seja retirada com facilidade da pele humana. Depois de dar a ferroada, a abelha tenta escapar, mas por causa das farpas, a parte posterior do abdome, onde se localiza o ferrão, fica presa na pele da pessoa picada e, por isso, a abelha morre.

d) É verdade que as cigarras cantam até explodir?

Não é verdade. Como elas deixam a casquinha vazia nas árvores, depois de saírem do casulo, as pessoas menos esclarecidas pensam que elas cantam até explodir.

e) O que é Triângulo Mineiro?

É a região do estado de Minas Gerais que fica exatamente na área triangular formada pela confluência dos rios Parnaíba e Grande, formadores do rio Paraná. Uberaba e Uberlândia são as cidades mais importantes nela incluídas.

f) Fogo-de-santelmo é crendice popular?

Não. É um meteoro ígneo provocado por lentas descargas elétricas em extremidades elevadas, especialmente nos mastros de navios e torres de igrejas, por exemplo. O fogo-de-santelmo tem dado origem a muitas lendas que fazem parte do folclore de muitos países.

g) Por que o céu é azul?

A luz solar é formada pela junção de várias cores e se espalha na atmosfera ou se reflete nas partículas que existem no ar. Acontece que as ondas de cada cor têm comprimentos de onda diferentes e se espalham de maneira diferente, num fenômeno chamado dispersão cromática. Assim, as cores com ondas mais curtas, como as da cor azul, se dispersam mais, e é por isso que o céu fica azulado. O astronauta russo Yuri Gagarin foi o primeiro homem a viajar no espaço e exclamou: “a Terra é azul!”

h) Por que durante uma tempestade no campo, não se deve abrigar debaixo de árvores altas?

Porque elas podem atrair descargas elétricas ou raios.

Conhecendo a lenda das sereias

As sereias são entidades fantásticas da mitologia grega. Eram filhas de Fórcis, deus marinho, segundo alguns; ou, segundo outros, filhas de Aquelous, divindade fluvial, e de uma ninfa. Eram descritas como metade peixe e metade mulher, possuidoras de belo canto, que enfeitiçava os navegadores, fazendo com que perdessem o controle dos barcos e encalhassem nas rochas. Dizia a lenda que habitavam rochedos escabrosos, entre a ilha de Capri e a costa da Itália.

Terminada a Guerra de Tróia, ao retornar a Ítaca, sua terra natal, Ulisses foi obrigado a usar essa passagem sinistra. Ordenou então aos marinheiros que vedassem os ouvidos com cera, a fim de que não escutassem o fatal canto; e fez-se amarrar ao mastro da embarcação, para assim ouvi-lo sem perigo. Ao perceberem que o barco de Ulisses escapara ao encantamento, as sereias se indignaram e se lançaram ao mar.

Com o decorrer do tempo, a lenda sofreu modificações. Inicialmente, as sereias eram representadas por uma figura metade pássaro e metade mulher, passando depois à forma com a qual hoje são conhecidas – metade peixe e metade mulher. Propagada pelos navegadores, a lenda logo se difundiu para outras regiões. No Brasil, por exemplo, o mito das sereias se contaminou com outros, não só de origem tupi-guarani, mas também de procedência negro-africana. Assim, a lenda das sereias confundiu-se com a da iara, entidade folclórica que, com sua beleza e seu canto, atrai os homens para o fundo do mar.

Conhecendo a lenda de Netuno

Netuno é uma divindade da mitologia romana, que corresponde a Poseidon da mitologia grega. É o deus dos mares, das ilhas e das praias. Era filho de Saturno e de Réia, e irmão de Júpiter e Plutão.

Ao nascer, sua mãe escondeu-o na Arcádia e deu a Saturno, que devorava todos os seus filhos, uma galinha que disse ter dado à luz. Quando Júpiter, seu irmão, combateu os Titãs, Netuno os enclausurou no Inferno. Quando o universo foi partilhado entre Júpiter, Plutão e Netuno, coube a este último presidir os mares, as ilhas e as praias.

Casou-se com Anfitrite, que à princípio não cedeu ao seu desejo. Foi buscá-la um delfim, que a encontrou ao pé do monte Atlas. O delfim persuadiu-a a aceitar a união e Netuno, como recompensa, o colocou no firmamento entre os astros.

Netuno costuma ser representado como um velho forte, com barba e a parte inferior do corpo em forma de cauda de peixe, portando um tridente na mão direita. Aparece sempre acompanhado de seu cortejo, formado por nereidas e tritões.

Como Júpiter, Netuno também está ligado a vários episódios de metamorfose. Para conquistar uma das filhas de Eolo, tomou a forma de touro. Para seduzir Bisaltis, transformou-se em carneiro. Também metamorfoseou-se no rio Enipeu para subjugar Ifiomédia.

Netuno disputou com vários deuses a hegemonia sobre algumas cidades. É famosa a sua disputa com Minerva para a posse de Atenas; a arbitragem dos deuses deu ganho à deusa da guerra.

Conhecendo a lenda das Ninfas

A palavra ninfa é usada com dois significados:

A. Mitologia

As ninfas são entidades femininas da mitologia greco-romana, que personificavam as forças vivas da natureza. Graciosas, protetoras das jovens, tidas principalmente entre os romanos, como as deusas das fontes termais.

Os primeiros cristãos as consideravam demônios, mas foram reabilitadas por Ronsard e La Fontaine. Dizem

que são filhas de Zeus (ou Júpiter), e que podiam fazer profecias. Acredita-se também que podem ser ciumentas e cruéis, causando nos homens acessos de loucura.

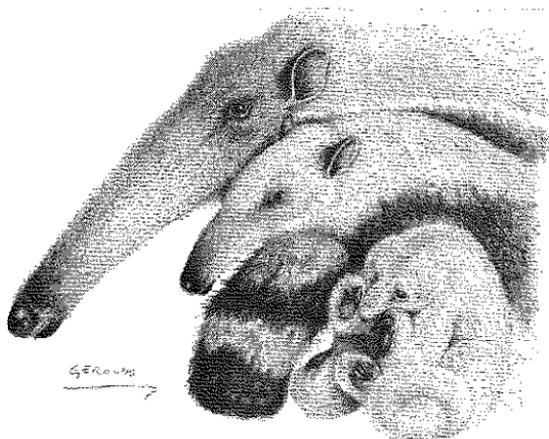
Dividem-se em várias categorias: a) dríades – ninfas que vivem em carvalhos; b) Hamadriades – musas que vivem em outras árvores; c) náíades – ninfas que vivem em fontes e rios; d) napeae – ninfas de vales e prados; e) ner-cidas – ninfas dos oceanos; f) oréadas – ninfas das montanhas; g) ondinas – ninfas do mar.

São representadas como donzelas com vestidos talares (que descem até os calcanhares).

B. Zoologia

Na metamorfose dos insetos, é a fase que se segue à larva e precede ao adulto.

Conhecendo os desdentados



Desdentados é o nome de uma ordem de mamíferos terrestres, de formas bizarras, sem incisivos ou com ape-

nas um tipo de dentes. A rigor, somente os tamanduás são desprovidos de dentes; tatus e preguiças possuem dentes simples e pontiagudos. Têm o corpo coberto de pelos rudes e grosseiros (tamanduá, preguiça), de escamas (pangolím) ou de couraças córneas (tatu).

São animais fossadores, como o tatu, ou trepadores, como a preguiça; e possuem os membros armados de fortes garras curvas. São sobreviventes de um grupo muito mais numeroso de mamíferos sulamericanos, muitos dos quais extintos em eras geológicas pré-históricas, alguns de grande tamanho, como o megatério e o gliptodonte.

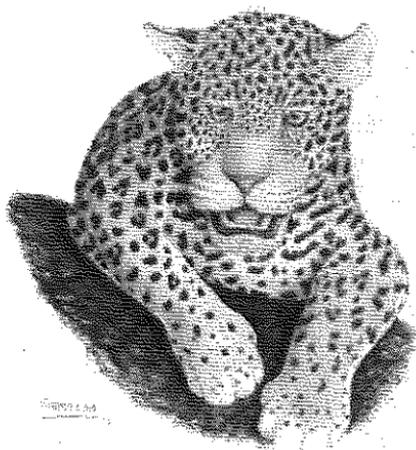
As espécies atuais não são de grande porte, podendo ser agrupadas em duas subordens: 1) Nonartros, de revestimento escamoso - pangolím; 2) Xenartros, com três famílias: a) preguiças - trepadoras e de movimentos lentos; b) tamanduás - de focinho comprido e língua pegajosa, com ausência total de dentes e que se alimentam de formigas e cupins; c) tatus - fossadores, com carapaça córnea. O tatu-bola possui apenas três faixas dorsais de placas móveis, que permitem ao animal, quando em perigo, enrolar-se formando uma bola protetora.

Conhecendo o pelo dos mamíferos

Pelo é uma estrutura filiforme que protege o corpo, formado por células mortas ceratizadas produzidas pelo tecido epidérmico dos mamíferos. Compõe-se de uma haste e da raiz, com a sua porção inferior mais dilatada e formando o folículo piloso.

Um pelo é formado de três camadas concêntricas: a) medula - a parte mais central, formada por duas ou três

fileiras de células poliédricas; b) córtex – porção principal e mais consistente do pelo, composta de várias camadas de células compactas, contendo o pigmento que dá cor ao pelo; c) cutícula – camada mais externa, com uma só fileira de células finas.



O folículo piloso é a estrutura que circunda a raiz do pelo, consistindo de uma bainha epitelial interna e uma camada de de tecido conjuntivo externo; ocupa geralmente uma posição oblíqua na pele. Ligado ao folículo piloso, também obliquamente, está o músculo eretor do pelo, um feixe de fibras musculares lisas que se origina na porção superior da derme; sua contração faz o folículo piloso assumir uma posição mais vertical. A papila dérmica, que se projeta para dentro do bulbo piloso, contém capilares através dos quais se dá a nutrição do pelo.

Os pelos de cada parte do corpo têm períodos definidos de crescimento, após os quais são expelidos e substituídos.

O pelo de certos animais, como o carneiro, tem importância industrial. Retirada da pele, é utilizado para fazer colchões, móveis com tapeçaria acolchoada, feltro e outros tecidos. O pelo do porco é utilizado para fazer escovas de cabelo.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE
NEGRI**

Cadeira nº 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Museu Nacional reduzido a pó

Duzentos anos de história reduzidos a pó em poucos minutos...

Uma instituição bicentenária, a mais antiga do país, de imensa importância para todos os brasileiros, foi completamente dizimada pelo fogo. Um dos maiores museus de história natural e antropologia das Américas, cheio de relíquias históricas, fundado por D. João VI em 6 de junho de 1818, com a denominação de Museu Real.

Localizado na Quinta da Boa Vista, o palacete serviu de residência à família real portuguesa. Os jardins imperiais foram projetados por paisagistas franceses. O teto da sala do trono, pintado por artistas italianos. Nele moraram D. João VI, D. Pedro I, a Princesa Isabel e tantos personagens importantes da nossa história. Também abrigou a família imperial brasileira de 1822 a 1889. Sediou a primeira assembleia constituinte brasileira de 1889 a 1891. Um local de tão grande importância histórica teve a última visita presidencial há cerca de sessenta anos, quando o então presidente Juscelino Kubitschek veio com sua comitiva. Depois disso, nenhum presidente visitou formalmente ou se importou com o museu. O descaso vem de longa data.

O povo brasileiro está de luto, chorando por essa perda irreparável. De que adiantam discursos políticos em época de eleições prometendo que irão restaurar? O

que o fogo consumiu, não tem como reaver. Será sempre uma cópia.

A mulher considerada o fóssil mais antigo das Américas (cerca de 12 a 13 mil anos), à qual deram o nome de Luzia, teve sua segunda morte. Uma natural, e essa agora. O museu contava com uma importante coleção de múmias egípcias, a maior parte das peças arrematadas por D. Pedro I em 1826. E também esqueletos preservados de animais da era pleistocênica.

O famoso meteorito de Bendegó era uma das atrações. Esse ainda poderá ser visto, pois pedra o fogo não consome. Mas toda papelada, documentos históricos, tudo foi perdido.

Milhares de livros de botânica, geologia, paleontologia, zoologia, antropologia e biologia foram devorados pelas chamas. Um acervo com mais de 20 milhões de itens que foram coletados ao longo desses duzentos anos, com doações, permutas, escavações, aquisições, que serviam de base para estudos, teses e pesquisas. Eram 470 mil volumes e 2400 peças raras. Apenas algumas obras foram retiradas antes do fogo consumir tudo, mas a maioria delas foi destruída pelas labaredas que atingiram os três andares do palácio.

Num país onde rola solta a corrupção e a roubalheira, não sobrava dinheiro para o museu. Poucas verbas e pouca atenção. Nada estava digitalizado ainda, o que soa imperdoável quando vivemos em plena era da informática.

Por ocasião das comemorações do bicentenário do museu, acontecido em junho, o atual diretor estava "passando o chapéu", conclamando empresários e a sociedade em geral para colaborarem, já que o poder público não resolvevia.

Agora, só resta chorar pelo leite derramado...

Mas que sirva de lição para a preservação de outras instituições, pois um país sem memória é um país sem futuro e sem passado.

(Foto Cassio F. F de Negri)



Monumento Verde

Nas límpidas manhãs
quando o sol raia,
doura a copa frondosa
da famosa Sapucaia

Altaneira e festiva
ilumina-se nos natais
e empresta seu nome
a um bloco nos carnavais

Símbolo verde de uma terra abençoada,
bela Sapucaia imponente!
Assim como o rio Piracicaba,
moras pra sempre no coração desta gente

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI

Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco

Conhecendo um pouçõ o Vale do Café

Para quem gosta de rememorar acontecimentos relevantes da história brasileira nos períodos do império e início republicano, (séculos XVII, XVIII, XIX e 1ª metade do século XX), contar um pouco de nossa viagem ao Vale do Café, no estado do Rio de Janeiro, (2016) é um ponto de referência relevante.

O circuito abrangeu fazendas próximas às pequenas cidades fluminenses: Rio das Flores, Barra do Piraí, Ipiabas, Vassouras e Conservatória, cujos proprietários atuais abriram suas fazendas para os visitantes, criando um turismo rural que permite aos turistas entrar “in loco” com as paisagens, casarões, senzalas, terreiros, ruínas de construções, maquinários e objetos usados pelas populações rurais daquela época.

Fomos recebidos na maioria das visitas por guias femininas, vestidas com trajes típicos, lembrando as baronezas do passado, geralmente, esposas e filhas dos barões, mulheres que se casavam bem jovens, atendendo aos interesses econômicos de seus pais., submissas ao marido, à vida doméstica, procriação (chegavam a gerar mais de 10 filhos), e administravam o trabalho dos escravos, que os serviam dentro dos casarões.

Esses títulos de nobreza eram outorgados pelo império, que precisava do apoio dos proprietários para a expansão da produção agrícola e reforço às leis escravocratas. Cada fazendeiro queria deixar evidente seu poderio, atra-

vés das suntuosas construções que exibiam, ornamentadas com ricos móveis, finas louças e cristais importados da Europa, utilizados nos banquetes em que recepcionavam a família imperial, destacando-se as presenças de D. João VI, D. Pedro I e com mais frequência D. Pedro II. Numa das fazendas próximas à Barra do Piraí, já no século XX, até o presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, por troca de favores, foi obsequiado com regalias na casa principal de uma das fazendas.

Vimos máquinas de beneficiar o café em relativo estado de conservação, bem como os terreiros, onde estes eram secados. No centro destes havia pelourinhos, próximos das senzalas, que atualmente são museus, mostrando a variedade de instrumentos de torturas a que eram submetidos os escravos, considerados altos investimentos para os fazendeiros (cada um avaliado aproximadamente em \$200 mil reais, no nosso dinheiro atual). Por esta razão havia o capitão do mato que garantia a captura de qualquer escravo fujão, o qual era castigado na presença dos demais para que não o imitassem. O grande artista pintor francês Debret retratou os diferentes momentos da vida escravagista de ambos os sexos.

Pessoalmente, desconhecia muitos aspectos do dia a dia dos escravos. Um deles: a possibilidade para alguns exercerem serviços profissionais, com direito ao recebimento de gratificações, as quais lhes permitiam comprar outros escravos a fim de trabalhar para eles, ou suas próprias alforrias. No caso das escravas, estas se concretizavam, após adquirirem número elevado de balangandãs nas pulseiras, que correspondiam ao pagamento pelas tarefas prestadas.

A higiene era muito escassa nesse ambiente, começando pelo exíguo número de banheiros para atender os moradores dos casarões com mais de cinquenta cômodos.

Na maioria, com apenas uma unidade; outros nem o possuíam e os urinóis eram os vasos sanitários. Após o uso, as fezes eram recolhidas pelos escravos. A guia observou que a palavra que conhecemos como sinônimo de bravo, o "enfezado", se originou do fato do escravo derrubar o conteúdo dessa peça higiênica, quando desempenhava o serviço e ficar todo sujo. Outro utensílio higiênico eram as escarradeiras, tigelas com um pequeno furo no meio, que ficavam na sala reservada aos homens e serviam para os fumantes cuspirem pigarros, devido ao fato de usarem cachimbos, charutos ou cigarros de palha. Também as bigodeiras os auxiliavam nessas ocasiões, ou sejam, xícaras em forma de bigode e utilizadas para tomar o chá.

Na visita aos cômodos dos casarões conhecemos as alcovas, quartos reservados aos mascates, vendedores de diferentes mercadorias, os quais, devido às distâncias e estradas de difícil acesso precisavam pernoitar nas fazendas. Estas não tinham janelas e eram fechadas na parte externa pelo proprietário, que ficava com a chave, não permitindo comunicação direta com os aposentos frequentados pela família. Em destaque, havia o quarto destinado ao padre, que vinha a pedido do dono da fazenda celebrar o ofício religioso nas grandes festas. Conhecemos uma capela, onde os patrões ficavam bem acomodados em poltronas, na parte inferior próximos do altar e os escravos na parte superior, sem qualquer conforto.

Algumas dessas moradias conservam paredes externas muito largas e de pedra; as internas, de pau a pique. Os telhados exibem telhas feitas à mão e assoalhos de tábuas largas.

Na maioria, estas fazendas foram vendidas, depois que ocorreu a abolição. Houve fazendas em que havia cerca de duzentos escravos. A guia comentou que o plantio do café foi efetuado de modo errôneo nesse local, ou seja,

em terrenos com desníveis e ruas verticais, prejudicando a expansão do produto. Já os agricultores paulistas plantaram corretamente e tiveram por mais tempo fartas colheitas do café.

Finalizamos nossa passagem por esta região, no distrito das serestas brasileiras: Conservatória, onde almoçamos no restaurante de um hotel-fazenda, que lembra o tempo imperial, através da conservação dos prédios. Entramos na cidade pelo "Túnel que Chora", cavado na rocha pelas mãos de escravos. Por ele passava a Maria Fumaça, velha locomotiva que hoje fica em lugar de destaque na área comercial, saudando os visitantes.

As serestas aconteceram nas noites de sexta-feira e sábado, quando os seresteiros e público presente percorreram alguns quarteirões das ruas centrais com calçamento "pés de moleques", construídas na época da escravidão. Durante este trajeto houve interpretações de músicas de cantores mais antigos: Nelson Gonçalves, Silvio Caldas, Gilberto Alves e outros. Da primeira vez que estive neste local, anos atrás, visitei um museu em homenagem a esses artistas que se destacaram na metade do século passado.

Semelhante aos locais turísticos, onde há sempre algo típico da cidade na parte comercial, Conservatória possui artesãos que confeccionam trabalhos artísticos, na sua maior parte ligados às serestas, utilizando o papel maché,

Antes de concluir esta crônica, vale uma observação: da região visitada só ficou o nome - Vale do Café- talvez, para lembrar esse período imperial, porque nas fazendas visitadas não existem mais cafezais, embora na maior parte delas nos servissem o cafezinho como cortesia, acompanhado de bolos e doces caseiros.

Esta viagem me interessou muito, apesar de mostrar uma parte muito triste da nossa história, a escravidão.

Mãe Negra

Mãe negra foi mulher simples, sofrida,
nunca levou a vida com leveza,
escrava dócil teve dura lida
serviu sinhá, sinhô, toda nobreza.

“Coisa” apenas, pessoa ressentida,
longe dos seus, tratada com rudeza
só se doando, sem muita acolhida
aos que não enxergaram sua grandeza.

A Lei Áurea lhe deu a liberdade
somente no papel, não de verdade,
ficando à margem, sem eira nem beira.

Esses eventos, marcas dolorosas
abriram chagas, fendas tenebrosas,
mancharam muito a história brasileira.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE
SODERO MARTINS

Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Paisagem

Para IDAMIS, encantada pela vida!

Aves felizes, aos bandos, ensaiam revoadas matinais.
Suas plumagens coloridas são verdadeiros vitrais!
Com a alegria terrestre, o azul do céu brilha mais!
Os pássaros cantam segredos entre sussurros e ais!
É a manhã que se anuncia a mostrar o sorriso do sol!
Pequeninos raios de ouro a embelezar o arrebol!
É sagrado este momento de doces gorjeios famintos...
A anfitriã vem chegando e farto banquete é servido!
O amor também desabrocha nas flores cheias de encanto!
Idamis está entre elas encantando-se tanto, tanto!
Ao compasso cotidiano, bênçãos ela irradia.
Compartilha com aves e flores sua vida de cada dia!
Esta é IDAMIS, tomada de graça.
É a menina que passa e a todos abraça!

Viveiro Divino em época da primavera

Pássaros festivos voam e gorjeiam felizes, numa estratégica esquina, próxima à minha casa. São dezenas, ou melhor, centenas de pássaros bailarinos e cantantes, das mais variadas espécies e tamanhos que cruzam, sem parar, em constante agitação, a disputar o espaço paradisíaco, arquitetado graciosamente para o dia a dia da vida que lhes foi concedida. Trata-se de um mirante circular, alicerçado em belo e engenhoso jardim, solidamente projetado entre vielas arborizadas, sempre floridas, que margeiam a elegante e convidativa residência da querida amiga Idamis Rigolin Lescovar.

Em todas as direções há ângulos surpreendentes, arrematados com espécies comuns e raras de plantas e flores em proporções e cores, das mais tocantes. Aliás, tudo naquele recanto sutil e tão cheio de graça, convida a prazerosos momentos, tanto os pássaros livres em contagiante contentamento como as visitas que ao observá-los usufruindo do mesmo espaço, absorvem uma serenidade plena. Ali é possível se permanecer num encantamento inexplicável, com direito a um descanso total da alma, do espírito...

Três vezes ao dia, farto banquete é servido, incluindo a hospedagem e banhos carinhosamente preparados pela proprietária anfitriã. São alimentados ali, bandos intermináveis de residentes fixos e aqueles que, num voo acidental ou de passagem acabam por descobrir a hospedagem do amor. Sabiás atentos, bem-te-vis a cantar e bater asas num ritmo melodioso, quero-queros, periquitos, tuins, rolinhas, andorinhas, tais quais notas musicais a enfeitar as pautas do poste à frente, canários do reino e outros a exibirem a presente liberdade e os pardais, barulhentos caipiras bem vindos. Pintassilgos ligeiros, da mata, do campo ou do bre-

jo? Não importa, quantos ou quais, todos em ritmo dançante se misturam e se entendem. Uns cantam aqui, outros respondem acolá. Há os se banham nas bacias colocadas sobre a mureta circular enquanto alguns sedentos e apressadinhos disputam com os belíssimos colibris a água açucarada das flores dos bebedouros. Estes, pendurados estratégica e harmoniosamente entre os arbustos floridos, gerânios pendentes, samambaias lisas, crespas ou rendadas, trepadeiras no auge da floração. São tantos os vasos que embalam as avezinhas! E tem mais, várias copas aconchegantes e macias, convidam-nas à construção dos ninhos para a formação da família e a segurança dos filhotes.

Toda essa história mais parece um sonho ou... ficção; invenção poética, talvez... Mas, é realmente verdadeira. Tenho visitado tal recanto com meus netos e nos sentimos protagonistas do "filme". Chegamos a batizar esse pequeno e mágico paraíso de: VIVEIRO DIVINO!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

Que pelo menos “reconheçam”...

Não é preciso muita coisa mais, não! Apenas que reflitam de vez em quando sobre ela e reconheçam o ser humano que é e, o que representa na espécie humana. Apenas isso! Que larguem um pouco que sejam as distrações e os afazeres corriqueiros, as correrias sem nexos dos dias de hoje, tempo para nada ou jogado fora, futilidades ou desprezos, momentos aturdidos e apressados ou réstias de tempo, um mínimo e minúsculo de segundo só, para se curvar e se conscientizar dessa Mulher abnegada, esta guerreira, doadora e “construtora de Vidas”, sempre atendendo ou tratando de gente, de almas e de consciências! Apenas uma pausa para recordar de vez em quando seus olhares deslumbrados, ingênuos, crédulos e emocionados, seus sorrisos de orgulho pelas suas crias às quais ela faz tudo com tanto desinteresse, suas mãos abençoadas, que labutam e acariciam constantemente, seu trabalho contínuo em benefício da boa causa de dar bons exemplos e ensinamentos bem intencionados, sobretudo, sua torcida pela felicidade e, sublime desejo de belezas para a vida daqueles que irão chegar lá um dia e, ela espera seja de realizações e alegrias.

Não é preciso muita coisa para ela, não! Tudo muito simples e natural para esta Mulher; apenas atentar para a coragem que ela tem em fazer brotar de sua vida, de seu corpo, de suas entranhas, de suas dores e preocupações

diárias, a vida de quem é tudo para ela, sua carne, seu sangue, seu esforço, sua persistência até ao extremo cansaço, na dedicação de horas e dias sempre à espera, das voltas da escola para casa, das festinhas e madrugadas, das doenças, das febres e dos remédios, do sucesso e orgulho nos estudos, nas lições de casa com boas notas e satisfação pelas conquistas e depois, nos seus lares próprios, presente e sempre amorosa na multiplicação deliciosa que os netos adorados acabam trazendo..

Sua missão não é uma brincadeira, daí, ela precisar de apoio e forças para continuar, de justiça e de carinho para sobreviver a tanta expectativa, pois, o receber para quem tanto dedica, mesmo que não queira ou finja não querer é uma imposição da saúde física e mental da própria existência que, quando fica esquecida ou defasada demais começa a provocar insegurança, desilusão, tristeza, solidão e amargura.

Esta Mulher que sabe amar além dos limites e da compreensão do mundo precisa sim, que olhem em sua direção, observem e "reconheçam" que ela existe com seus medos, carências e dificuldades, principalmente ao presenciar aqui na Terra, tanta miséria, maldade e violência fazendo muitas vezes, seu pobre coração, sua esperança e até sua fé vacilarem em quanto mais poderá aguentar!

Então, a necessidade de um mínimo de compreensão que lhe faça sentir-se amada e valorizada por tudo que merece e representa, para poder continuar recebendo o nome de Mãe!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI**

Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

Amar – verbo da felicidade

Amor, um sentimento que não se explica. Por que nos apaixonamos por esta pessoa e não por aquela? As razões do coração são soberanas. Ignorar ou negar o sentimento também resulta em tristeza apenas. E, quando há desencontros, muita saudade...

No amor, vejo duas pessoas tentando o sublime encontro de almas, a carícia da felicidade rondando suas vidas, a realização amorosa se completando, a química maravilhosa, um sentido biológico que vai além de qualquer explicação. Dos olhares iniciais à perpetuação da espécie.

O encontro de dois corações será sempre motivo de grande celebração. Tema preferido dos poetas, o amor se mantém imbatível nas rimas da grande e imortal paixão. Sim, posto que é chama, será eterno enquanto dure. Vi meus pais se amarem um ao outro até o fim de suas vidas. Foram exemplo de um casamento cheio de companheirismo, respeito e profundo amor. À medida que ambos envelheciam mais se amavam.

Sim, há momentos de desespero no amor, concordo. A partida súbita de um dos pares, tragédia irreparável. Há brigas no amor, há separações, incertezas, inseguranças, medo de não ser correspondido. E há tanta espera!... Conheço pessoas que passaram uma vida inteira esperando pelo amor. Estão lá, sentadas à beira do caminho.

Melhor não negar o amor, jamais. Sem medo dele.

Nunca perder a alegria de viver por medo de amar. Amar é o verbo da felicidade. Amar faz o coração feliz e, se perdido, traz de volta o brilho aos olhos. Amar não deixa ninguém envelhecer. O amor rejuvenesce e devolve o frescor à face. Amar torna a pele bonita, os cabelos brilhantes e a alma leve. Há leveza no amor. Não deve ser pesado e triste, ou não será amor.

O fim de um amor se cura com outro? Acredito que sim. O coração fará uma grata surpresa a quem se abre para a vida: não se ama apenas uma vez. Uma das mais belas descobertas da alma humana será a de que é possível amar de novo e que o coração é inesgotável nesta capacidade maravilhosa.

O amor propõe infinitas reflexões. Tentei, uma vez, enumerar cinco razões para amar. E me vi escrevendo dez, quinze, vinte. Deixei o texto de lado, porque ele dizia respeito somente a mim, era algo egocêntrico, cheio de subjetividade e, possivelmente, de valores um tanto radicais. Trato o amor de forma nobilíssima, supervalorizo sua essência divina e humana, dou ao amor um caráter que ele pode não ter. Não sei se todos ainda são românticos como eu. Da mesma forma como sou a última riponga, que ainda aprecia saia indiana, sandálias, pulseiras e colares, penso ser a última romântica neste mundo frio e calculista.

E que o amor seja a nossa salvação.

Só pra variar...

Sabe de uma coisa? De pensar morreu um burro. E a dialética obrigatória me cansou. Parei de pensar. Penso pra falar. Em boca fechada não entra mosquito. Além do que,

quem fala o que quer ouve o que não quer. Uma amiga dizia sempre que quem fala muito dá bom dia a cavalo.

E como pra bom entendedor, meia palavra basta, fica o dito por não dito. Fico na minha, assim, tipo cada macaco no seu galho. Melhor enfiar a viola no saco e tirar o cavalo da chuva? Sempre chega a hora de a onça beber água. Ou a tal hora H, seja ela qual for. Adoro essa tal “hora agá”.

A gente ia sair de viagem e meu pai dizia que devagar também chega. Devagar se vai ao longe. Para que pressa? O apressado come cru. Aonde vamos? Tirar o pai da força? Não. Então, muita calma nessa hora. Mas sabemos que quem chega primeiro bebe água limpa.

Não adianta muita plástica. Pobreza e cara feia não se escondem. Pior. Quem tudo quer nada tem. Ter ouro um temor, não ter uma dor. E é assim, melhor um pássaro na mão que dois voando. Mas, ah, se uma vaca voasse!... E no voo da vida, uma andorinha só não faz verão.

Eu diria que as coisas estão mais pra lá do que pra cá. Seja o que isso queira dizer e a que situações se apliquem. Vemos coisas do arco-da-velha. Tem hífen? Tem. Vi no Google. Não gostei da reforma ortográfica que tirou o acento agudo da flexão “pára”, do verbo parar. Veja só: João para para pensar. Tem de haver o acento no verbo “pára”. Houve um equívoco ali. Também a retirada do trema deixou a linguiça esquisita. E Anhanguera ficou triste...

Quando alguém dizia algo que queríamos rebater ou contradizer, dizia-se: o escolaro da vó! Ainda não consegui entender direito o que seja este “escolaro”. Espero que não se trate de nenhum palavrão, pelo amor de Deus!

No reino das palavras e das coisas encantadas, meu reino por um cavalo. Por uma paz maravilhosa dentro de casa, ouvindo estrelas noturnas no céu da minha vida! Mas sempre há algo de podre no reino da Dinamarca e há algo de podre na terra brasilis, que foi preciso mesmo lavar a

jato toda a corrupção vergonhosa. Nadaram de braçadas. Esqueceram-se de que mais vale boa nomeada do que cama dourada. E que caixão não tem gaveta, seus ladrões!

Temos de tomar cuidado com as palavras, pois o falar é prata e o calar é ouro, dizia tia Olga. As pessoas de antigamente sabiam dizer ditados bem ditos na hora certa. Quando um burro fala o outro abaixa a orelha - e ríamos muito ao ouvir tio António proferir a maravilha.

Em certos momentos, a negativa é necessária. Nem que a vaca tussa, sabemos bem. Até quebrando um galho aqui e ali. Dando a volta por cima, sacudindo a poeira. Pão pão, queijo queijo. Sobretudo se temos o queijo e a faca na mão. E para trazer um pouco de romantismo a esta conversa fiada, lembro que macarronada sem queijo é como namoro sem beijo.

Ah, Deus Pai! Tem dias que só temos mesmo vontade de dar uma passadinha de vassoura na casa, mas só ali onde o padre passa. E está muito bom. Sem desfazer de ninguém e se aplicando à situação específica, pra quem é bacalhau basta.

Sobretudo, ninguém vive num mar de rosas, repetia minha mãe. E que vestir a carapuça, às vezes, é a melhor coisa que alguém pode fazer. Porque nada fazer é fazer mal. Isso pode ser também entendido como dar um tapa com luva de pelica e agir quando necessário.

Nos dias de hoje, a indignação nos levou a querer mostrar com quantos paus se faz uma canoa. Ou a ditar que quem não tem competência, não se estabeleça. Não se aliste. Ou não se candidate, por favor.

Bem, mas disse o escritor Oscar Wilde que "a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida". E nós queremos nos casar com o príncipe, ou com a princesa, do conto de fadas e sermos todos felizes para sempre. Fala sério.

Vou parando, senão a coisa vai longe. Mas se você, leitor, tiver um dito espirituoso e belo, por favor, enriqueça esta nossa prosa sem eira nem beira!

Vou-me embora para Marte

Recentemente, um amigo escreveu num desabafo: “Vou-me embora pro Butão”. E aí não sossego enquanto não busco informações a respeito. Bem, o Butão é considerado o país da felicidade. Diz o Google que “o Butão é um pequenino reino encravado aos pés do Himalaia e bastante fechado ao turismo. Ao norte, a gigantesca China e ao sul a superpopulosa Índia. É distante do Brasil. Poucas pessoas conhecem. Exótico. Feliz. País de tradições peculiares e muito isolado”.

Não sei se eu gostaria de ir para o Butão. Desde menina, intriga-me uma música que até hoje gosto de cantar. Foi composta pelo baiano Dorival Caymmi e se chama “Maracangalha”. A letra é bem simples e diz assim: “Eu vou pra Maracangalha, eu vou / Eu vou de uniforme branco, eu vou / Eu vou de chapéu de palha, eu vou / Eu vou convidar Anália, eu vou”. E se Anália não quiser ir, ele vai só.

Vemos que, quando alguém mete uma ideia na cabeça de ir a algum lugar, se não houver quem o acompanhe, vai só mesmo. Contudo, é melhor ter companhia, a viagem fica mais segura a dois. Até biblicamente, devemos ir sempre aos pares.

Mas e aí, Maracangalha existe de verdade? Afinal, para onde Caymmi iria? A música foi composta em 1957. Quanta gente a cantou! O lugar é um distrito do município de São Sebastião do Passé, na Bahia. O que haveria de tão especial em Maracangalha? E Anália? O chapéu de palha? Meros recursos da rima ou tudo isso faria parte de uma planejada viagem de amor?

Houve um tempo em que a moda era dizer “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta Manuel Bandeira. Onde ele foi buscar inspiração? Pasárgada era uma cida-

de da antiga Pérsia, atualmente um sítio arqueológico na província de Fars, no Irã. Mas o poema ficou famoso e tem uns versos assim: "Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei / Lá tenho a mulher que eu quero / Na cama que escolherei".

Quando comecei a aprender violão, adorava cantar uma cantiga gaúcha: "Vou-me embora, vou-me embora, prenda minha / Tenho muito que fazer / Tenho de ir para o rodeio, prenda minha/ No campo do bem-querer". Ah, o desejo de ir para algum recanto que nos faça sonhar! Versos como "vou-me embora" povoam o imaginário de todos os poetas. Eu gostaria de dizer: "Vou-me embora pra Israel", pois tenho um sonho de conhecer a Terra Santa. Talvez ficar por lá, ajudando os frades franciscanos a cuidar dos templos e locais sagrados.

Contudo, sei que não irei para o Butão, Maracangalha, Pasárgada e tampouco para Israel. Há alguns anos, eu dizia: "Vou-me embora pro Campestre", mas agora moro na cidade e o campo faz parte de um passado lindo.

Essa ideia de ir embora pra algum lugar querido, sonhado, desejado, é algo que nos inspira o tempo todo. Eu adoraria me mudar para uma praia deserta, uma vila de pescadores, onde haja o pôr-do-sol mais lindo do mundo! Para viver meus últimos dias ao som da música atlântica, suas notas cheias de sal e de amor.

E Marte? Será moderno dizer "vou-me embora para Marte"? O que haverá por lá? O Google diz que Marte possui uma formação rochosa e parece haver água no planeta. O dia dura 24 horas e 36 minutos e o ano tem 687 dias terrestres. Em 1960, Sergio Murilo gravou "Marcianita". Alguém se lembra? Na letra da música, em 10 anos estaríamos lá. Ainda estamos na corrida. Para onde?

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA RAQUEL ARAUJO DELVAJE
Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

Cantares da Travessia

I.

Pronto a iluminar quem vai perdido,
Velho farol acende-se na barra,
Fosse música ao longe, aos meus ouvidos...
Pois no horizonte, névoa como amarras,
Fez-se do barco, à luz, despercebido.

Era ainda o ocaso que surgia,
Cegava-nos, incômoda neblina,
Um momento sentimos euforia,
Pensamos avistar uma colina,
Num delírio de bruma e maresia.

Fome, sede, calor e à noite frio,
As provisões estavam já no fim
Vários dias perdido em mar bravio,
Com ventos tempesteando sobre mim,
Em uivos tenebrosos e sombrios.

II.

Numa visão do céu, escuras garras
Oprimiam o barco, que à deriva...
A mão desesperada, ao remo agarra,
A onda arrebatada e agressiva...
Engole o remo, solto das amarras.

Em um impulso a mão buscou sua sina,
Alma que já estava esmorecida,
Madrugada dos mares e neblinas,
Só restava deitar desfalecida,
A carcaça, pras aves de rapina.

O delírio tomou conta do fim,
A solidão dos barcos oceanos,
Rondavam-me demônios, querubins...
Vi romper uma luz no manto insano,
A aurora a libertar-me... Sobre mim.

III.

Minha alma padecia introspectiva,
Na sensação estranha de pessoa.
Sou um naufrago de águas aflitivas.
Dias neblinas preso numa proa
E rebenta na aurora cores vivas...

De distante, um farol, já era ida,
Via agora, meus olhos tão cansados.
Houve um remo, na noite de partida,
Daria suas forças ao remado,
Em dedicação pela minha vida.

Mas pobre remo se perdeu no oceano...
E naquela manhã morna e tão clara,
Ora um bardo cantava alto e insano,
Sumindo, um barco encena visão rara,
No distante horizonte dos meus anos.

IV.

Durante toda a tarde um sol à toa,
Castigava quem era do castigo.
Uma alma que continha só garoa,
Ressequida ficou, no desabrigo
Do silêncio da música que entoa.

Náufrago que cantava seu passado,
No barco aprisionado em alto mar,
Ouve um silêncio no céu azulado,
Paradoxo de um bardo, que a gritar...
No oceano, distante e condenado.

Neste momento insano, que separa,
Minha força de um quase desistir,
Clara lembrança vem e se depara,
Com um olhar ternura a transferir,
A força de viver, que me ampara

V.

Vi surgir no horizonte um céu amigo,
Que luzia, a sonhar, mais bela lua,
Poderia esquecer todo o perigo,
Toda realidade nua e crua,
De ondas algemas, que são meu castigo.

Águas mansas pairavam ao meu olhar,
Quiçá a noite mais bela da visão,
A lua de tão cheia envolve o mar,
Em uma luz que inspira emoção,
Ao ter a imensidão para abraçar.

E a lua era meu frasco de elixir.
Sobreviver já não parecia tudo,
Um pouco de água e pão para engolir,
Senti-me nessa vida o mais sortudo,
Um náufrago, demente e só, a sorrir.

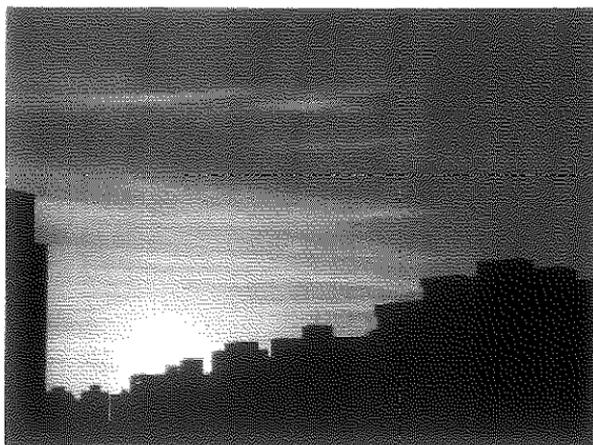
COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

Cantarvento

Quando vento passar, como brisa,
consigo levará o perfume
da manhã de sol, da tarde em nuvens
nos céus daqui e nos céus de longe...

Caminho que desfaz o lamento
trazendo levando vida e sonho
de amor, de brilho de vagalume
do aroma, da paz e fantasia...

Suave música no seu intento
de voz ainda desconhecida
mas milenar no que se presume
irá então nos cantar o vento...



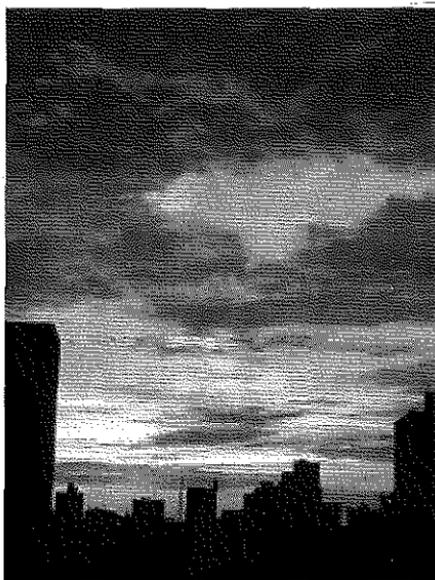
= Imagem a partir da câmera desta autora =

Cores que rondam outra luz

Agora que veio a noite por perto
e há nada cruzando olhos exaustos
de sono, de som, ausência e saudade
o nada senão as cores que rondam
outro céu, outros olhos, outra luz...

A noite por perto que veio agora
desejo que venha o dia e traga
o bálsamo doce às dores tamanhas
o brilho às cores que cercam a hora
densa no corpo e escura na alma

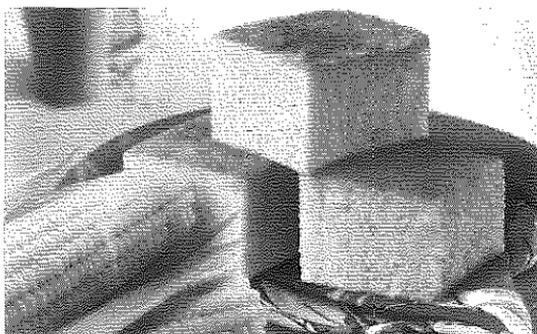
: brisa que agora anuncia manhãs...



= Imagem da câmera desta autora =

Aromas e Sabores de Infância

Sobre a mesa de madeira
da casa antiga da vó costureira,
cozinheira de mão cheia,
espalhadas as espigas...



A vó, nos dois ofícios
tirava as palhas das espigas,
costurava todas elas
pra embalar suas pamonhas.

Parte do milho já ralado
ia pro bolo que ficava
úmido, áspero, misturado
bem aspecto de suas mãos
tão rurais, naturais...

E o aroma, o sabor,
o amor daquilo tudo
embalado na lembrança
agora me embola o âmago
no bolo mais doce da vida.

Galo-filho

Morreu-lhe o galo -
o galo branco
o galo índio
o galo manco
o galo salvado
da boca do cão

Hoje morreu
o seu galo-filho
que anunciava sua manhã
em frente à porta
ao lado da janela
batendo as asas
de encantação

Foi consigo um suave idílio
restando nas horas
nenhum afã



= Imagens da câmera desta autora =

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRANICO
Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Ponto Azul

Recentemente, recebi de um amigo um vídeo com o título acima. Fiquei interessada e o assisti, algumas vezes, fascinado com o que via...

O vídeo, feito por cientista da NASA, registrava uma viagem especial. Até aí, tudo lindo, corretamente registrado na nave e enviado à Agência Espacial.

Mas num certo dia, um astrônomo resolveu virar a filmadora da nave espacial para a Terra.

E o que viram emocionou e espantou a todos. A Terra, vista a milhares de quilômetros de distância, iluminada por um raio de Sol...

Era um pequeno ponto azul navegando no Universo... Isolada, solitária, menor que um grão de areia, perdido no infinito ...

Aí, fiquei imaginando nosso planeta, tão cheio de problemas, discórdias, destruições mas, tão sozinho, a mercê apenas e tão somente, dos desígnios de Deus.

Imaginei também, as viagens que fazemos, de horas, em aviões, navios, para conhecermos lugares distantes para nós, mas, o que no Universo não representam nem milésimos de milímetros; as guerras entre países, o terrorismo, a violência, também maldades, num espaço tão pequeno... e, como concluíram os cientistas, não há ninguém, nada, que possa nos salvar...

Acredito que, quem assiste esse vídeo, começa a ver o mundo de outra forma...

Isso já ocorreu com os primeiros astronautas que chegaram a Lua: ficaram também emocionados e maravilhados com a Terra vista da Lua – Azul..., e, isso mudou a vida deles...

Que adianta a cobiça, a ganância, a inveja, se estamos todos num pontinho azul, perdidos Universo? Sem saber-mos até onde iremos, até quando?

Vamos cuidar da Terra, de nossas matas, nossas águas, nossos animais... Estamos todos dependendo uns dos outros... tão somente uns dos outros...

Ninguém está a frente de ninguém... nesse minúsculo ponto azul. Somos viajantes, todos, sem saber nosso destino final...

Então, ainda há tempo... Se visto de longe a Terra é azul, vamos fazer o possível para que ela continue assim... vamos também, nosso comportamento, em nosso modo de vida, com muita paz e amor permitir que ela continue azul.

"A Terra é Azul"... afirmaram os primeiros astronautas que chegaram a Lua... aliás bem mais próximos dela do que essa nave espacial em viagem pelo Universo Solar...

Essas viagens espaciais estão dando a Humanidade toda um grande alerta – como dizem os astrônomos e também filósofos atuais: temos que mudar urgentemente nosso comportamento, pois, não há no Universo todo ninguém que possa nos salvar de nos mesmos... é, esse minúsculo grão de areia viajando infinito, e a nossa casa, a única que temos para viver...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky
Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

O terceiro livro

As referências que precisamos para percorrer nossos caminhos com tranquilidade e segurança já estão registradas em dois livros muito importantes. O primeiro é a Bíblia e o segundo a Constituição Federal de nosso país.

O conteúdo do primeiro é completo e inclui o suficiente para a construção de uma vida plena, rica e intensa. É um manual de instrução e de sobrevivência; um livro de autoajuda e, também, de receitas; e um mapa completo que indica todas as estradas para vencer os labirintos ao longo da nossa existência.

Esse livro é universal, oferecendo um conhecimento milenar e atemporal, que independe do avanço e da modernização material do ser humano. É singular e perfeito, de maneira que não precisa de acréscimos e muito menos alterações. Trabalha os valores mais básicos do indivíduo e da convivência em família.

A Bíblia é o livro mais utilizado, divulgado e estudado no mundo. Nele, todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai. Procura simplificar a vida pela valorização do espírito e pelo desapego ao bem material.

O segundo livro muito importante para todos é a Constituição Federal, que em 2018 completou 30 anos de sua promulgação. Seu conteúdo procura representar os interesses dos cidadãos brasileiros. Todos somos iguais perante esse documento, apesar da grande diversidade cultural e ambiental do país.

Nossa constituição é alterada regularmente, ajustando e equilibrando as vontades e sonhos de todos os envolvidos. Esse processo envolve disputas, conflitos e confrontos, resultando num texto final a partir de consensos. Geralmente, as necessidades de grupos mais organizados se estabelecem sobre a de outros. É o resultado das relações de poder.

O terceiro livro é aquele que construímos diariamente, e cujos registros representam as relações que mantemos com o próximo e com a natureza. É o nosso livro diário, que pode se tornar público através de biografias ou não. Não somos donos desse livro, pois ele contém as histórias de outras pessoas.

Nossas escolhas de vida vão definir a trama desse livro. Alguns abordarão o trabalho e a vida em família, outros o sofrimento e os caminhos dolorosos. Os assuntos podem ser variados, como aventura, romance ou policial.

É um livro sempre incompleto. Será finalizado de forma inesperada e sem aviso prévio. A única certeza é que a qualidade desse terceiro livro depende do nosso entendimento dos dois primeiros. Sem o auxílio desses livros, dificilmente conseguimos ter uma vida tranquila.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME

Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

**Mais água no feijão
Mais feijão na água**

É corriqueiro o caso do procedimento de colocar mais água no feijão, quando todos já aguardavam sentar-se à mesa para comer e não é que chegam mais dois ou três para a refeição que tinha sido preparada para um número menor de pessoas. É claro que essa história acontece numa família de classe C não muito alta, onde o cheiro acentuado da sopa de feijão se faz sentir até no vizinho.

Sabe-se que numa mistura quando se adiciona mais água, mais se dilui o outro ingrediente.

Também é de conhecimento que ao colocarmos esse outro ingrediente na mistura, o conteúdo da mesma se eleva.

O conceito de conteúdo se encontra instalado nas mais diversas misturas quentes ou frias, sejam elas materiais, sociais, políticas, trabalhistas, artísticas, religiosas ou esportivas, nas quais procuram um ponto de equilíbrio, até que ele atinja o nível de saturação e passa a outro estado de coisas, perdendo a sua função de equilibrador.

Com isso podemos deduzir que também não devemos colocar feijão demais na água, porque a combinação dos dois se tornaria muito densa e ao invés de termos uma sopa bem equilibrada de feijão, teríamos uma papa, que como vemos ficaria desvirtuada pelo feijão colocado a mais.

Nos dias atuais a gastronomia política propõe um novo tipo de conteúdo para a mistura, com viés ideológico diferenciado, na intenção de romper os temperos extrava-

gantes usados pelo sistema anterior de governo, atingindo o ponto de saturação do mesmo, porque até deixou queimar o que restava na cozinha após o banquete. Estava a exigir uma nova forma de atuar e aqui estamos diante da mesma.

Com a nova proposta, aos novos elementos e ingredientes que compõem a cozinha, foi requisitada pela capacidade e competência da nova culinária, para preparar misturas que possam ser aceitas pelos comensais antigos e novos, a fim de poderem sentarem-se a mesma mesa e degustar os paladares pois vai ser necessário agregar sacrifícios, coisa que ninguém gosta, para poder ter bom aproveitamento da refeição preparada.

Com esta postura acreditamos, que nos alimentaremos, mas não banqueteando, jogando fora ou levando para casa sem nenhum constrangimento as cerejas dos bolos preparados por confeitores corruptos. Nesse jantar não é permitido entrar com malas.

A refeição proposta pelo novo cardápio, será de comida hospitalar, onde todos possam se alimentar para que todos sobrevivamos durante um certo tempo tendo um promissor horizonte à vista.

Vamos aguardar, e que a mídia, redes sociais, TV, rádio, jornais escritos e falados, compareçam e permaneçam para fazer o seu grande papel de colaboradores, unindo os comensais, para que dialoguem sobre a união do Brasil e agradeçam por estarem juntos, no engrandecimento deste farto celeiro.

Você é o nosso convidado de honra. Se esforce para estar presente colocando mais equilíbrio nessa mistura, não deixando o conteúdo ideológico passar do ponto, pondo em risco nossa democracia.

O ato democrático pode ser uma farsa?

No Brasil, nunca se conseguiu viver uma democracia. Vamos sempre estar aperfeiçoando-a.

Desde que foi implementada dando ares de seriedade nunca foi levada a sério e não podemos dizer que a democracia não seja séria, mas a sua prática na maioria das vezes é casuística, sendo conduzida pela conveniência de quem sabe apresentá-la para benefício próprio.

Normalmente a democracia, formulada no passado grego, teve as suas conquistas e também os seus desacertos, pois ela indica a direção a seguir, mas não o caminho a percorrer, pois o próprio caminhar é que define o resultado do trecho percorrido.

De todos os regimes, o democrático é o que nos convida a sentir que o caminho terá que ser percorrido para que se sinta o calor das pegadas e as dores nos pés, na procura do que fica melhor para o coletivo em matéria de justiça e progresso.

O regime autoritário traz mais desconfianças do que o processo democrático, pois exige transparência de atitudes perante todos e lealdade entre as partes, coisa que deixa a desejar.

Quando o processo democrático, deixa de ter transparência e lealdade, camufla todas as más intenções do mandante ou mandantes, não mostrando as conveniências do poder.

Para ilustrar temos o caso de dois políticos que caminhavam por uma estrada cheia de poeira e no decurso da mesma após um longo tempo de caminhada, a sede bateu fortemente nos dois, tirando deles toda a energia de continuarem o percurso.

Por sorte ao se aproximarem de uma curva da estra-

da, avistaram uma macieira à sua beira e a visão dos dois localizaram naquela árvore duas maçãs, sendo uma menor e a outra maior.

Naquela situação, um dos companheiros saltou a cerca e apanhou as duas maçãs, voltou à estrada e entregou a menor ao companheiro sedento.

O que recebeu a maçã menor olhou para a fruta e disse: Essa é a menor, a minha sede é igual a sua e você ficou com a maior, isto não é justo.

O que estava com a maior das maçãs perguntou: Se fosse você, você iria oferecer a maior para mim? É claro que sim disse o companheiro.

Então não há o que reclamar, eu já estou com a maior e em seguida mordeu a maçã, saboreando deliciosamente.

Como vemos, no caminho do processo democrático muitas falhas são cometidas. O processo precisa ser apurado e ter sequência de procedimentos antecipadamente propostos.

A conveniência é sempre conveniente a quem a propõe. A ditadura é inconveniente.

A democracia está salpicada de atitudes ditatoriais.

“Piracicaba na banguela aos 251 anos”.

Vum...! Vum...! Vum...!

Este é o barulho do motor de um veículo em movimento. Um barulho livre desengrenado, pois os esforços mecânicos não são transmitidos à carga. É o que se diz na linguagem popular “banguela” ou ponto morto.

Piracicaba se encontra em movimento nas estradas da vida física, cultural, industrial, comercial, educacional,

administrativa, religiosa, artística, financeira e filosófica com o câmbio na "banguela" aguardando o momento para engatar novamente as engrenagens que a levaram ao estado que conseguiu chegar, graças aos cuidados, em não perder de vista o andar pra frente.

Nessa viagem pela história vamos deslumbrando as suas belas paisagens que se desenrolam pelo tempo.

As melodias da natureza do seu solo produtivo e de seu rio cantadas através da sensibilidade de seus artistas nos emocionam.

Admirando a força de seus homens e mulheres que deram a continuidade a seus avanços, produzindo o sustento da existência, com cuidados em derrotar as doenças físicas e espirituais que tentam desencorajar os seus trabalhos que não param.

Glorificando as conquistas que sempre estiveram presentes até o momento e que nos acompanharam;

Fortalecendo sempre a fé em dias melhores e mais alegres para o povo.

Felicitando os administradores, que conseguem mudar o patamar do desenvolvimento da cidade para um ponto acima, em contrapartida como agradecimento para que a vitória sempre nos favoreça, trilhar os caminhos do bem.

Com tudo isto, com toda a disposição de ir pra frente, seguimos na "banguela", com essa carga de valores positivos, depois de atravessarmos pântanos, montanhas, tempestades políticas de ordem geral, no aguardo novamente do momento de engrenarmos o câmbio, transmitindo mais forças do progresso, para que os resultados melhorem, de que não percamos os rumos dos caminhos estabelecidos pelo que foi planejado, para que lá na frente, não recorramos ao "ponto morto" a que fomos submetidos pelas con-

dições de adversidades internas e externas desse processo, devolvendo a tranquilidade de uma viagem feliz, pois as condições do nosso veículo têm nos proporcionado tudo o que há de bom por nunca termos perdido o senso da manutenção e amor à causa coletiva.

Temos certeza que lá chegaremos com a sabedoria acumulada que nos norteará.

Sabendo que continuaremos com a segurança de estarmos com combustível e que as estradas sejam acolhedoras para que o nosso feixe de "molas da esperança" resistam aos impactos dos mata-burros que continuarão aparecer a nossa frente.

Ordem sem regresso! É o lema.

Parabéns Noiva da Colina que adoramos tanto, Feliz 251º aniversário.

“Viver Sem Vergonha”

Que a vida humana é muito frágil é coisa que a maioria sabe.

Que a mortalidade infantil vem tendo em nosso país um resultado melhor com o passar dos anos, apresentando uma diminuição do seu índice que nos deixa contentes, sem no entanto deixar a nossa preocupação à deriva, que também é um fato.

Sabemos que o início da vida humana é sempre dependente de cuidados para que ela vingue no decorrer do tempo.

Quando nos transportamos para a vida nos diferentes estágios de desenvolvimento, já percebemos que ela é muito sensível e que na falta de alguns elementos, ela vai sucumbir, seja em quaisquer circunstâncias que aconteçam.

Assim, para termos uma avaliação dos perigos que corre a vida, foram feitos alguns experimentos dos quais apesar de que seus métodos nos aproximem de uma situação média, apresentando perigo a curta distância.

Vejamos alguns exemplos já estudados e que foi possível retirar deles, alguns números que refletem tais quadros, partindo de questionamentos:

1. Quanto tempo podemos ficar sem respirar?
2. Quanto tempo podemos ficar sem beber?
3. Quanto tempo podemos ficar sem comer?
4. Quanto tempo podemos ficar sem dormir?
5. Quanto tempo podemos ficar sem trabalhar?
6. Quanto tempo podemos ficar sem dinheiro?
7. Quanto tempo viveremos sem vergonha?
8. Quanto tempo viveremos sem esperança?

As respostas a esses quesitos, que acreditamos não sejam precisos, mas nos orientam a não deixar chegar próxima delas, pois estaremos em curso de colisão dentro da zona de grande tensão.

Com isso e mais as respostas que vão se seguir, estaremos nos colocando nas trincheiras da informação formando a defesa contra uma indesejada posição de fim de linha.

9. Podemos viver sem respirar por mais ou menos 10 minutos.
10. Podemos viver sem água por mais ou menos três dias.
11. Podemos viver sem comer por mais ou menos quinze dias.

12. Podemos viver sem dormir por mais ou menos 48 horas.
13. Podemos viver sem trabalho por não sei quanto tempo, mas imaginemos o que estão passando os 13 milhões de brasileiros desempregados, sem contar os seus dependentes.
14. Podemos viver sem dinheiro em quanto as leis trabalhistas e outros desencontros sociais, oferecerem as condições de sobrevivência.
15. Podemos viver sem vergonha por um tempo indeterminado, como o que está sendo provado neste nosso Brasil poluído por irresponsáveis trazendo essa instabilidade aos que ainda não a perderam, se é que a vergonha continua existindo.
16. Não podemos viver sem esperança um único segundo, porque ela não deve morrer!

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO

- Falece o acadêmico e ex-presidente da APL **Gustavo Jacques Dias Alvim** no dia 15 de agosto. Nascido em Vera Cruz, veio para Piracicaba estudar em 1948.

Deixa a esposa Vera Baggio Alvim, a filha Luciana e netos. Jornalista, advogado e ex-reitor da UNIMEP, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Lecionou



nos cursos do Instituto Educacional Piracicabano e foi diretor da Faculdade de Direito. Também foi vereador na legislatura de 1969/1972 e presidente da Câmara.

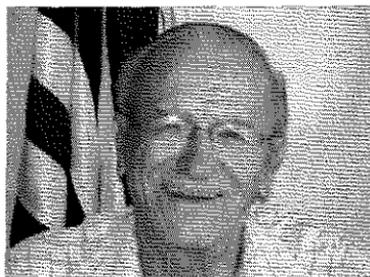
- Em sessão magna no aniversário da cidade, a Câmara de Vereadores de Piracicaba homenageou pessoas que se destacaram em suas áreas, entre elas, a acadêmica e historiadora **Marly Therezinha Germano Percin**.
- Lançamento da 16ª edição da **Revista da APL** na sede do Instituto Beatriz Algodal no dia 11 de agosto
- A acadêmica **Leda Coletti** teve seu microconto de humor selecionado para a antologia.

- A acadêmica **Ivana Maria França de Negri** ganhou Menção Honrosa – quarto lugar (46 clubes participantes de 26 cidades, 170 obras inscritas) no 8º Prêmio Nacional de Literatura de Clubes na categoria crônica, uma realização da Academia Paulista de Letras e FENACLUBES. Representante do Clube de Campo de Piracicaba.
- O acadêmico **Edson Rontani Jr.** palestrou sobre a Academia Piracicabana de Letras e seu fundador João Chiarini no Rotary Club Paulista e apresentou a Revista da APL aos presentes.
- A acadêmica **Elda Nympha Cobra Silveira** recebeu a Medalha de Mérito Cultural Branca Motta de Toledo Sachs, entregue pela SEMACTUR a quem se destacou em sua área durante o ano.

Elda escreve para a imprensa, já lançou vários livros, integra várias entidades culturais como o Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba, Clube dos Escritores, Academia Piracicabana de Letras e Associação dos Artistas Plásticos de Piracicaba, entre outros.

Elda Nympha Cobra Silveira também ganhou Menção Honrosa na categoria Poesia no Concurso Literário “Poemar” de Pomerode Santa Catarina

- Faleceu em 24 de setembro o escritor e historiador **Pedro Caldari**, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Foi membro da Academia Piracicabana de letras.



-
- O presidente da APL, **Vitor Pires Vencovsky** participou das comemorações dos cem anos da imigração japonesa em Piracicaba com exposição de fotos no Shopping Piracicaba tiradas durante os anos em que morou no Japão.
 - O acadêmico **Geraldo Victorino de França** lançou no dia 6 de outubro o quinto livro da série “Aprendendo com o Voinho” no Recanto dos Livros
 - Nos dias 19, 20 e 21 de outubro aconteceu a terceira edição da **FLIPIRA – Festa Literária de Piracicaba**, com envolvimento de vários membros da academia.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**TRIÊNIO: MAIO DE 2018 A ABRIL DE 2021**

Presidente – Vitor Pires Vencovsky

Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri

Primeira Secretária – Ivana Maria França de Negri

Segunda Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Primeiro Tesoureiro – Edson Rontani Junior

Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano

Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari

Conselho Fiscal – Gustavo Jacques Dias Alvim

Alexandre Neder

Walter Naime

GALERIA ACADÊMICA**Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil**André Bueno Oliveira** – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs**Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda**Antonio Carlos Neder** – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra**Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion**Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasílio Machado**Barjas Negri** – Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini**Carla Ceres Oliveira Capeleti** – Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira n° 19 –
Patrono: Ubirajara Malagueta Lara
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira n° 20 – Patrono:
Benedito Evangelista da Costa
- Cezário de Campos Ferrari** – (*in memoriam*)
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira n° 18 – Patrona: Madale-
na Salatti de Almeida
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira n° 21 – Patrono: José
Ferraz de Almeida Junior
- Esio Antonio Pezzato** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio
Ângelo Cobra
- Evaldo Vicente** – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortu-
nato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Acadêmico Honorário
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira n° 27 – Patrono: Sal-
vador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim
Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – (*in memoriam*)
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fer-
nando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João
Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34
– Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente
José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário (*in memoriam*)

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – Cadeira n° 26
– Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira n° 3 – Patrono:
Luiz de Queiroz

Marisa Amábile Fillet Bueloni – Cadeira n° 32 – Patrono:
Thales Castanho de Andrade

Marly Therezinha Germano Percin – Cadeira n° 2 – Patrona:
Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 – Patrono:
José Maria de Carvalho Ferreira

Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria
Cecília Machado Bonachela

Newman Ribeiro Simões – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de
Melo Ayres

Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira n° 25 – Patrono: Francis-
co Lagreca

Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz
Guidotti

Raquel Araujo Delvaje – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam
Ribeiro de Souza Rezende

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Cadeira
n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Sílvia Regina de Oliveira – Cadeira n° 22 – Patrono: Eroti-
des de Campos

Valdiza Maria Caprânico – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont
Nobre Ferraz

Vitor Pires Vencovsky – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

Waldemar Romano – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de
Andrade

Walter Naime – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





ISSN 2177-2797



9 772177 279006